RUBEN DESCARTES DE GARCIA PAULA
JOAQUIM MODESTO LIMA
ÂNGELO TORRES

IN MEMORIAM
DE
LUIS HILDEBRANDO HORTA BARBOSA

RIO DE JANEIRO
1974

RUBEN DESCARTES DE GARCIA PAULA
JOAQUIM MODESTO LIMA
ÂNGELO TORRES

IN MEMORIAM
DE
LUIS HILDEBRANDO HORTA BARBOSA

RIO DE JANEIRO
Na sede da Igreja Positivista do Brasil (Templo da Humanidade), Rua Benjamin Constant, 74 — Glória — ZC-06, e no Clube Positivista, Av. Treze de Maio, 13, gr. 1201 — Centro — ZC-06
186/1974

Composto e impresso nas oficinas da
GRÁFICA EDITORA ITAMBÉ S. A.
Rua Leandro Martins, 72 — RIO _ GB.

Os positivistas, no Templo da Humanidade e no Clube Positivista, comemoraram o falecimento do seu confrade e correligionário Hildebrando, ocorrido a 27 de Dante de 185/11 de agosto de 1973, realizando duas cerimônias: A primeira (no T. H), de caráter religioso, de acordo com o ritual positivista, teve lugar no terceiro domingo após a inumação, no dia 14 de Gutenberg de 185/26-8-73); foi oficiante Joaquim Modesto Lima. Dessa cerimônia serão reproduzidos aqui o temário e as principais passagens da oração do oficiante:

1 — Invocação habitual
2 — Oração fúnebre
3 — Hino ao Amor
4 — Música
5 — Prédica (Vida e Obra de Luiz Hildebrando de Barros Horta Barbosa)
6 — Música de canto
7 — Oração do Adeus
8 — Distribuição de flores
9 — Fórmula de encerramento

A segunda cerimônia (no C. P.), de cunho também cultual, porém, mais cívica e cultural, foi realizada a 25-10-73 e teve como oradores R. Descartes de Garcia Paula, Joaquim Modesto Lima e Ângelo Torres, cujas orações compõem este IN MEMORIAM.

Rio, 11 de agosto de 1974
1.º aniversário de
falecimento de Hildebrando



LUIS HILDEBRANDO HORTA BARBOSA
(25-8-1900 — 11-8-1973)

Comemoração no Terceiro Domingo Após a Inumação ou Epílogo Subjetivo do Sacramento da Transformação do Engenheiro Luis Hildebrando de Barros Horta Barbosa, realizada em 26 de agosto de 1973, por **Joaquim Modesto Lima,** no **Templo da Humanidade,** sede da **Igreja Positivista do Brasil.**

Prédica

LUIS HILDEBRANDO DE BARROS HORTA BARBOSA

(25-08-1900 a 11-08-1973)

Por Joaquim Modesto Lima

Contristados e profundamente comovidos, reunimo-nos hoje para render o nosso preito de saudades à memória veneranda e querida do nosso confrade Luis Hildebrando de Barros Horta Barbosa.

Antes de dar umas breves e modestas indicações biográficas do saudoso confrade, cuja comemoração fúnebre ora fazemos, vamos recordar o que é a teoria da vida subjetiva e o objeto do Sacramento da Transformação.

"Desde os tempos mais remotos, os mortos permanecem na memória dos vivos. O amor, supremo guia de todas as boas naturezas, imortaliza, assim, a alma humana. Sempre que alguém cumpre dignamente sua tarefa na Terra, seu nome, sua imagem, seus sentimentos (seu espírito, numa palavra), não morrem com o corpo. Vive na recordação de todos os que amaram, e a missão benéfica que preencheu em vida, se perpetua depois da morte. Mais ainda, a morte aumenta, de certo modo, a existência do homem. Como que desaparecem, com ela, as imperfeições possíveis, ressaltando só as boas qualidades, que se apreciam, então, melhor do que nunca. Todos os rasgos de virtude, de grandeza d'alma, todos os méritos, enfim, repartidos no curso da vida, se reúnem para embelezar o morto, cuja imagem se nos faz mais querida do que antes, e nos impele com mais eficácia para o bem.

Os mortos dirigem, assim, os vivos.

O que amou, pode estar certo da imortalidade. Sua alma se transfunde em outras almas. Por isto, os pais vivem na memória de seus filhos, e todos os seres virtuosos na memória dos que lhes sobrevivem. A morte, em vez de matar os bons, não faz senão enaltecer-lhe a vida. E, quando os homens se distinguem por grandes trabalhos, por intentos heróicos, por atos sublimes, suas almas passam, então, de século a século, ensinando, aconselhando, inspirando todas as gerações".

No culto dos mortos é que as grandes como as pequenas naturezas encontram estímulos sempre novos para o seu aperfeiçoamento moral, aumentando nelas a resistência contra a irreligião e a anarquia.

O indispensável, porém, é que esse abençoado culto de amor e reconhecimento pelos nossos mortos more, de fato, sempre aceso dentro das nossas almas, de modo que, ao invocarmos as imagens queridas,

possamos dirigir-lhes uma anunciação como esta, parafraseando São Paulo, quando se dirigia a Jesus: "Não sou eu quem vive, és tu que vives em mim!".

Esquecidos de nós-mesmos, busquemos no culto da Humanidade o caminho seguro e único que nos permitirá atingir, sem desfalecimentos, aquele quarto grau de Amor altruísta, da perfeição, de São Bernardo.

Nesse piedoso afã não haverá senão virtude, pois que o nosso designio é tão somente este: dominar os impulsos do nosso devastador egoísmo, fixando o nosso coração e o nosso espírito na grandeza dos exemplos que nos legaram os tipos sublimados de nossa espécie.

Essa é, em resumo, a concepção positiva da vida futura, em que acreditava e dignamente aspirava o nosso inolvidável confrade Luís Hildebrando de Barros Horta Barbosa.

"A instituição dos Sacramentos consiste, no Positivismo em consagrar todas as fases da existência privada, ligando cada uma delas à vida pública. Daí resultam os nossos nove socramentos sociais: a apresentação, a iniciação, a admissão, a destinação, o casamento, a madureza, o retiro, a transformação, e enfim a incorporação. A sucessão invariável destes sacramentos constitue uma série de preparações pelas quais, durante o conjunto da vida objetiva, cada digno servidor da Humanidade tende gradualmente para a eternidade subjetiva que deve erigí-lo afinal em órgão próprio da Humanidade."

"A comemoração fúnebre do terceiro domingo depois da inumação de cada crente é o ato com que a Religião da Humanidade encerra o sacramento da transformação, por meio do qual o sacerdócio positivista consagrará, normalmente ,o derradeiro passo, e o único irrevogável, dos mais humildes como dos mais eminentes representantes de nossa espécie."

Esta celebração corresponde à missa do sétimo dia dos católicos. Há, porém, entre elas a diferença decorrente da natureza das duas religiões. No Catolicismo a missa tem por fim congregar todos os crentes para pedir a Deus, pela voz do sacerdote, a salvação da alma do falecido. No Positivismo a celebração do 3.º domingo tem caráter puramente humano, pois a reunião se faz para trazer à família enlutada o conforto da nossa solidariedade, e para significar que a morte não rompeu os laços que prendiam o morto aos seus amigos, e que estes continuarão a cultivar sua memória com o mesmo afeto com que cultivavam em vida suas relações de amizade.

Presidimos o Sacramento da Transformação do engenheiro Horta Barbosa, não como padre da Humanidade, e, sih, como simples testemunhas, invocando, justamente, a consagração subjetiva dos Fundadores de sua Fé, Clotilde de Vaux e Augusto Comte, e do Sacerdócio Futuro.

Nasceu Luís Hildebrando de Barros Horta Barbosa em Niterói, Estado do Rio de Janeiro, berço natal de Miguel Lemos, fundador da Igreja Positivista do Brasil e de Benjamin Constant, fundados da República Brasileira, no dia 25 de agosto de 1900, teria completado ontem, 73 anos de idade e faleceu em 11 de agosto do corrente, às 9,45 horas

da manhã. Foram seus pais os nossos confrades Luís Bueno Horta Barbosa e Maria de Barros Horta Barbosa.

A família de seu pai descendia do Conselheiro Paulo Barbosa, Mordomo da Casa Imperial e de Dona Antônia Luisa Horta. Luís Bueno, pai do engenheiro Luís Hildebrando, era republicano histórico, abolicionista inteiramente devotado à causa dos índios, contribuindo de modo decisivo para a pacificação dos belicosos coroados de São Paulo, hoje conhecidos sob a denominação de Kaingangues. Ardoroso positivista, dedicou todos os esforços em prol da divulgação da Religião da Humanidade. Devo ao pai e filho a minha conversão positivista.

Passou quase toda sua infância, na cidade de Campinas, onde seu pai exercia o magistério oficial. O menino Hildebrando, acometido de uma septicemia generalizada, ficou impedido de aprender as primeiras letras normalmente. Recortando as letras dos jornais, acabou recuperando o tempo perdido. aprendendo sozinho, a leitura, a escrita e o cálculo. Mais tarde, com 11 anos, entrou para o ginásio estadual da cidade de S. Paulo, onde seu pai exercia a função de inspetor do Serviço de Proteção aos Indios.

A adolescência de Hildebrando foi muito bem descrita pelo nosso saudoso Alberto Jacobina, seu amigo de infância, nestas tocantes palavras:

"Relembraria assim, um passado que já vai longe. Modesta casinha à rua General Severiano, onde nos reuníamos amiúde, sob a benevolente candura de uma alma feminina, por vários títulos digna até hoje de nossa profunda admiração, Dona Maria de Barros Horta Barbosa. Amparados pelo coração acolhedor de D. Nenem, mimosa abreviatura de seu grande nome, ouvíamos embevecidos, até altas horas da noite, a palavra provecta de seu esposo, Luís Bueno Horta Barbosa, ilustre progenitor de nosso homenageado. Era um republicano histórico, positivista de primeira água, a empolgar-nos o espírito jovem com as suas preleções, sempre cheias de erudição e entremeadas de ciência.

Reviveria então o congraçamento de um grupo de jovens, a que chamávamos Turma da Ordem e do Progresso... Eramos uma turma de rapazes ardorosos, cheios de civismo, inebriados pela fraternidade e pelo humanismo. Chamavam-nos de Cavalheiros da Ordem e do Progresso. Célebre se tornou o nosso **leite filosófico,** saboreado ali no velho Largo do Machado, numa espécie de mesa redonda onde debatíamos assuntos doutrinários, após as conferências domingueiras do grande e saudoso Apóstolo da Humanidade, proferidas no Templo da rua Benjamin Constant, escola de nossa mocidade.

Recordaria que estávamos, a esse tempo, em plena Guerra de 1914. Vem o armistício e Teixeira Mendes conclama a todos os adeptos do seu apostolado e propõe que se faça um grande cortejo em regosijo pela Paz que se acabava de firmar. Todos nós trazíamos a saúde ainda combalida pela grande epidemia de 1918, a mais devastadora das gripes. Mas, tudo se organizara menuciosamente. Os bustos representando os grande vultos da Humanidade, deveriam ter seus guardiães. Teixeira Mendes, manda que cada um de nós escolha o vulto de sua simpatia para lhe montar guarda num caminhão todo ornamentado, durante o trajeto pela Av. Rio Branco. E o velho Mendes ia fazendo assim a psicologia da juventude positivista de então. Lembro-me de que eu

escolhi o busto de Bolivar, e de que Hildebrando, no seu cavalheirismo nunca desmentido, escolhera o de Isabel de Castela. É escusado dizer que sua escolha mereceu elogios do grande Apóstolo."

Ingressou na Escola Politécnica da Universidade do Rio de Janeiro e formou-se na turma de 1923, em Engenharia Civil.

Casou-se no dia 8 de abril de 1924, na cidade de Corumbá, com Catarina Gomes Horta Barbosa, conhecida na intimidade por Catita. Desse consórcio houve quatro filhos: Rosália Mariana, casa com Otávio Augusto Lobo Barbosa Carneiro, com quatro filhos e três netos, Francisco Bayard, Luís Hildebrando, casado com Ana Rache, atualmente trabalhando no Instituto Nacional de Saúde em Washington, com três filhos e Paulo César.

Antes de apreciar outros aspectos da vida e obra de Hildebrando, vamos ouvir um depoimento de seu amigo fraterno Ivã Lins, sobre a sua vida conjugal.

"Pela delicadeza de seus sentimentos ele foi uma das criaturas mais puras que conheci. Era tão sem maldade que quase não entendia as anedotas que ouvia, por não lhes perceber a malícia. Nascido em família positivista, a sua superioridade moral lhe tornou fácil, no período tempestuoso da juventude, a observância das prescrições de Augusto Comte acerca da castidade até o casamento. Almejando o Positivismo exterminar a prostituição por enxergar nela dolorosa chaga social, não devem os seus adeptos concorrer para mantê-la.

Adotando uma teoria de Huffeland, sustentava Augusto Comte que o fluído masculino, além do seu papel específico na fecundação, possui ainda uma influência geral estimulante relativamente ao próprio organismo que o elabora, permitindo, assim, a prática da castidade sem nenhum perigo para os jovens.

Apaixonou-se Hildebrando profundamente por uma positivista de grande beleza, que não lhe aceitou o amor. Este, então, sublimou-se, na linguagem de Freud, levando-o a maior resguardo de sua castidade, até que, conheceu Catita, que passou a ser, para ele, o anjo benfazejo, a cicatrizar-lhe as feridas de seu primeiro enlevo amoroso.

Verificou-se com ele, em relação a Catita, a aguda observação do Padre Antônio Vieira:

"Questão é curiosa nesta filosofia, qual seja mais precioso e de maiores quilates: se o primeiro amor, ou o segundo? Ao primeiro ninguém pode negar que é o primogênito do coração, o morgado dos afetos, a flor do desejo e as primícias da vontade. Contudo eu reconheço grandes vantagens no amor segundo. O primeiro é bisonho, o segundo é experimentado; o primeiro é aprendiz, o segundo é mestre; o primeiro pode ser ímpeto, o segundo não pode ser senão amor. Enfim, o segundo amor, porque é segundo, é confirmação e ratificação do primeiro, e por isso não simples amor, senão duplicado, e amor sobre amor"...

O amor de Hildebrando por Catita foi, na verdade, duplicado e amor sobre amor, havendo sido ela, em sua vida, a única mulher que, no sentido completo da palavra, ele conheceu.

Os dez ou onze primeiros anos se sua união, foram, para ele e Catita, permanente idílio, em que fruiram a mais completa felicidade, e, quando, em 1934, ela perdeu a razão, ele, impulsionado pelo amor que vence quaisquer obstáculos, soube elevar-se a um grau de bondade

tanto maior, quanto mais delicada era a sua organização afetiva. Foi sem revolta e quase sem sacrifício que, sofreando, anos a fio, os impulsos sensuais, ele se consagrou, como insuperável enfermeiro, a velar carinhosamente no sentido de preservar Catita da perda total da razão. Ledor da Imitação de Cristo, aprendera, com Tomás de Kêmpis, que "no amor não se vive sem dores". E fiel, ainda nisto, a Augusto Comte, participava da opinião do Filósofo quando observou que, "sejam quais forem os tormentos que possam resultar da afeição, o essencial, para a felicidade, é ter o coração dignamente cheio, mesmo de dor, sim, da mais amarga dor".

Sua dedicação à Catita foi total e lhe permitiu aprimorar-se, expandindo sua imensa capacidade de ser bom, tendo sido o seu amor aquele que, segundo São Bernardo, "se satisfaz plenamente consigo mesmo: não procura causa, nem fruto — ama porque ama, e ama por amar."

Compadre e amigo fraterno de Hildebrando, eu tinha a impressão de haver-se encarnado nele um daqueles cavaleiros medievais, para os quais a mulher constituía objeto de caloroso culto, a ela referindo todos os seus sentimentos, pensamentos e atos.

A doce imagem de sua dama "sonhada nas solidões dos campos de batalha, desenhada, de contínuo, diante dos olhos e gravada com um selo de saudade, e, muitas vezes (quem sabe?), de amargura em todas as suas cogitações", essa imagem, de qualquer forma, sempre querida, inspirava ao cavaleiro a coragem e firmeza, exigidas pelas difíceis empresas do tempo, sem jamais abandoná-lo...

Tinha sempre o cavaleiro a encantar-lhe a mente e a suavizar-lhe a aspereza da existência a figura de sua amada: nas solidões das brenhas, na imensidade das águas, no silêncio dos descampados. E, afinal, quando, no ardor da luta, vinha a morte surpreendê-lo, seu último pensamento ainda para ela se dirigia.

Esse o cavaleiro a que se refere Tasso no verso famoso:

"Brama assai, poso spera e nula chiede",
"Muito deseja, pouco espera e nada pede".

"Pela nobreza de suas afeições, Hildebrando encarnou, em nossos dias, talvez sem se dar conta, o ideal cavaleiresco acerca da mulher amada, fazendo-a o centro de todos os seus sonhos, de todas as suas esperanças, de todos os seus anelos".

O verdadeiro surto das aptidões didáticas de Hildebrando vem desde do início de sua adolescência, como ele mesmo numa solenidade pública confessa: "sentindo, desde os quinze anos de idade grande atração pelo magistério, de cujo exercício sistemático injunções incontroláveis do destino me afastaram em grande parte, as minhas afinidades mantiveram-se sempre com os que estudam, procurando assimilar e transmitir os imensos tesouros intelectuais acumulados pela Humanidade em seus ingentes e milenares esforços por bem interpretar as realidades que a dominam e ao mundo em que vive".

Absorvido pelas intensas ocupações profissionais de engenharia, Hildebrando foi sempre um professor nato. Ensinou a muitos moços para

o exame de admissão à Escola Politécnica e a vários colegas de curso de engenharia gratuitamente. Mais tarde, lecionou Mecânica, Astronomia e Biologia no Instituto La-fayette, no Curso Geral Superior do Departamento Feminino, publicando no "Organum" publicação enciclopédica deste grande educandário, a tradução do "Diálogo sobre Pluralidade dos Mundos de Fontenelle, com notas explicativas, editada em volume e m1938 pelo Fundo Tipográfico Augusto Comte. No corpo docente do Curso Andrews, lecionou Matemática, Física, Química e Biologia. No Templo da Humanidade, na sala Daniel Encontre, auxiliava o seu pai na explicação da matemática filosófica.

Desde estudante já era auxiliar do engenheiro Chefe do Escritório de Obras do Ministério da Justiça e só foi efetivado em 29 de setembro de 1926. Depois da revolução de 1930, assumiu interinamente a direção do Escritório de Obras, sendo efetivado em 14 de setembro de 1931.

Como Diretor da Divisão de Obras do Ministério da Justiça e Negócios interiores, durante 14 anos, coordenou o planejamento e dirigiu a execução: reforma e ampliação do Quartel dos Barbonos; construção do edifício do Ministério da Justiça; Imprensa Nacional; Polícia Marítima, Aérea e Estação Rodoviária Mariano Procópio; Instituto Profissional 15 de Novembro; Escola João Luís Alves; Instituto Médico-Legal; Primeiro Distrito Policial; Patronato Agrícola de Caxambu; Patronato Agrícola Artur Bernardes (Viçosa); Colônia Penal de Dois Rios; Colônia Agrícola Cândido Mendes; Penitenciária de Mulheres; Sanatório Penal; Presídio do Distrito Federal; Escola de Polícia (atual Quartel de Carros de Combate); Arquivo Nacional (projeto); Palácio da Justiça (projeto); Abrigo Infantil da Boa Vista (projeto); Penitenciária Agro-Industrial do Distrito Federal (projeto).

Durante os anos de 1935 a 1937, um grupo de jovens positivistas, após de fundar uma Biblioteca Pública e sala de conferências no Méier, de existência efêmera, resolveram aprimorar os seus conhecimentos das Obras de Augusto Comte. O Sistema de Lógica Positiva ou Tratado de Filosofia Matemática, era a mais difícil, porque precisava ter muita cultura matemática, filosófica e histórica. Apelamos para o Hildebrando para ser o comentador oral da Síntese e ele aceitou dar aulas, três vezes por semana, das 8 às 10 horas da noite, no meio de uma agitação integralista, pois a sala de aulas era próxima do quartel-general do fascismo brasileiro.

Inaugurou a nova sede do "Boletim Positivista", com um Curso Popular sobre o "Conjunto do Positivismo", publicando umas apostilas mimeografadas, resumo do Catecismo Positivista e das conferências pronunciadas. E mseguida fez a exposição da Filosofia Primeira, ou quinze princípios universais sobre os quais assenta a escala enciclopédica. Repetiu este curso ou teoria do Conhecimento de Augusto Comte, dez vezes em vários auditórios. No ano seguinte realizou no mesmo local a "História da Humanidade através dos grandes homens" e uma conferência sobre Moisés numa sociedade israelita.

Em 3 de maio de 1940, numa solenidade pública, juntamente com a sua digna Esposa, assumiu o compromisso de membro da Igreja Positivista do Brasil, fundada por Miguel Lemos e Teixeira Mendes.

Durante quatro anos, até 1945, esteve nesta tribuna, explicando o Catecismo Positivista e as Últimas Concepções de Augusto Comte, e presidiu algumas cerimônias de Apresentação, Admissão, Confirmação e a cerimônia do 3.º domingo após a inumação do nosso confrade Marechal Rondon.

O Marechal Rondon era um assíduo freqüentador das conferências de Hildebrando. Convidava-o sempre para ser o orador das solenidades em homenagem aos selvícolas americanos. Um dia, resolveu fazer um convite a Hildebrando para Diretor do Serviço de Proteção aos Índios. Respondeu à prova de confiança do Marechal da Paz com os seguintes palavras: "É com a amargura que resulta do dever de contrariar os meus mais antigos e profundos sentimentos de veneração pelo Senhor, e os de cívico encanto pela nobre causa dos índios que empolgaram todos os verdadeiros republicanos, a partir de José Bonifácio, que venho declinar do compromisso de assumir a direção do Serviço de Proteção aos Índios a que sob a sua entusiástica e altruística direção, o meu pai deu o máximo de sua capacidade."

Em 31 de janeiro de 1945 foi nomeado Chefe do Escritório Técnico da Cidade Universitária da Universidade do Rio de Janerio. Durante 11 anos, a grandiosa construção foi a sua menina dos olhos. Dedicou-se de corpo e alma na localização na ilha do Fundão e outras ilhas, mais tarde transformada na Ilha Universitária, no planejamento e o início de sua construção.

Em 27 de dezembro de 1956 deixou a Chefia do Escritório Técnico da Cidade Universitária, para exercer um cargo de grande destaque e relevância no Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico, como Chefe do Departamento de Controle e Aplicações. Devendo ser lembrado que, para ocupar esse cargo, Hildebrando foi convidado pelo então presidente do BNDE, Embaixador Roberto de Oliveira Campos. Mas os vínculos com a Cidade Universitária continuaram com sua nomeação para membro permanente da Comissão Supervisora do Planejamento e Execução da Cidade Universitária da Universidade do Brasil. Continuou nesta Comissão até 29 de dezembro de 1964, quando resolveu residir em Corumbá. Nesta ocasião o Reitor Pedro Calmon declarou que a vaga deixada nos órgãos de decisão da Cidade Universitária por Horta Barbosa, não será preenchida. O grande animador neles permanecerá **ad Honorem**, sendo sempre benvindo o seu alto conselho.

Em 26 de abril de 1957, o Conselho Diretor do Clube de Engenharia, em sessão de 11 de março de 1957, resolveu conceder ao engenheiro Luís Hildebrando de Barros Horta Barbosa, o prêmio Paulo de Frontin, para o qüinqüênio 1950/1954, pela construção da Cidade Universitária.

No concurso nacional do Plano Piloto, organizado pela Companhia Urbanizadora da nova Capital do Brasil, foi indicado para Jurado como o representante do Clube de Engenharia, sendo o projeto escolhido por unanimidade o do grande urbanista Lúcio Costa.

Representou o Ministério da Justiça na Comissão para tratar da Reforma do Calendário, foi membro da Comissão Central de Requisições, integrou a comissão incumbida do planejamento das obras e urbanização da Cidade Universitária de Minas Gerais, colaborou no tra-

çado inicial da futura Universidade do Espírito Santo e foi membro do Conselho de Administração da São Paulo Light S.A. e da Rio Light.

No novo cargo do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico, dedicou-se com o máximo de espírito público, patriotismo e capacidade realizadora, até aposentar-se em junho de 1961.

Foi co-fundador e vice-presidente da "Sociedade Brasileira de Cultura Positivista; co-fundador do Clube Positivista e Diretor Secretário na primeira diretoria e depois Diretor-Presidente desta entidade; Membro do Conselho Deliberativo da Soceidade dos Amigos da América; Sócio do Clube de Engenharia e da Associação Brasileira de Educação; Co-fundador e Presidente do "Centro de Defesa e Estudos do Petróleo; Membro e Conselheiro do Patronato de Menores e Presidente da Comissão Executiva do Centenário da morte de A. Comte.

Durante 14 anos, a partir de 1946, efetuou Hildebrando, nos auditórios da Associação Brasileira de Educação, do Clube de Engenharia, dos Serviços Hollerith S.A., da Fundação Getúlio Vargas, Associação Brasileira de Imprensa, Clube Militar e do Clube de Engenharia, centenas de palestras, conferências e cursos sobre os mais importantes assuntos científicos, históricos e filosóficos. Além dessa intensa atividade teórica, escrita e oral, foi Hildebrando um grande patriota, e esteve sempre presente nas campanhas pelo engrandecimento da Pátria Brasileira.

Luís Hildebrando de Barros Horta Barbosa pautou toda sua vida pelos supremos ideais de paz, amor e fraternidade, amando a Família, a Pátria e a Humanidade, na esperança confortadora, que alenta os verdadeiros positivistas, de poderem juntar-se àquele Invisível Coro, a que se referia George Eliot no seu belíssimo poema:

"Coro formado de mortos imortais,
que ressuscitam em ânimos por eles melhorados
e vivem num pulsar só dirigido a generosos fins,
imunes às ambições miseráveis que se extinguem com o próprio ser..."

TRABALHOS PUBLICADOS

1937 — a) A Pseudo Astronomia Sideral — artigo no "Boletim Positivista" e no "Jornal do Comércio".

1938 — a) **"Diálogo sobre a Pluralidade dos Mundos"** de Fontenelle — tradução seguida de notas explicativas e uma notícia biográfica sobre Fontenelle.

b) **"O Positivismo"** — Resumo do Catecismo Positivista e das conferências pronunciadas na sede do "Boletim Positivista".

c) **"O Cálculo das Probabilidades"** — artigo no "Jornal do Comércio" e na "Revista Vida".

1940 — a) **"Plano Geral do Ensino Nacional Segundo Augusto Comte"** do Apóstolo R. Teixeira Mendes — Tradução — editada no opúsculo "Programas do Ensino Segundo Augusto Comte".

b) Notícia sobre a construção da Imprensa Nacional — Imprensa Nacional.

1942 — a) **"O Ministério da Justiça na Exposição de Edifícios Públicos** — artigo no "Correio da Manhã".

b) **"Copérnico" — O Sábio Polonês** — artigo na "Revista Vida".

c) **"Fontenelle"** — artigo na "Revista Vida".

d) **"O 14 de julho de 1789"** — artigo na "Revista Vida".

e) **"As Leis Básicas da Mecânica de Aristóteles aos Nossos Dias"** — artigo na "Revista Vida".

f) **Conferência comemorativa do "Dia do Índio"** — pronunciada na ABI e publicada pelo SPI.

1945 — a) **"O Positivismo e a Política Moderna"** — (Extratos de uma carta ao professor João Marinho) — edição mimeografada.

b) **"A Localização da Cidade Universitária"** — Imprensa Nacional.

c) **"Ainda a Localização da Cidade Universitária"** — Imprensa Nacional.

d) **"Benjamim Constant"** — Discurso — Edição mimeografada.

1946 — a) **"O Absoluto e o Relativo à Luz do Positivismo"** — edição da "Sociedade Brasileira de Cultura Positivista" — Revista Brasileira de Filosofia (1953) — Revista do Serviço Público.

b) **"Os Portuários de Santos e a não Cooperação com o Governo de Franco"** — artigo na "Tribuna Popular".

c) **"Discurso de Paraninfo"** — Por ocasião da formatura da primeira turma da Escola Nacional de Arquitetura (edição mimeografada).

1947 — a) **"Fiolofia Primeira"** — Resumo (edição "Ditto")

b) **"Aritmética"** — Resumo — (edição "Ditto")

c) **"Retrogrados e Comunistas perante o Positivismo"** — artigo no "Jornal de Debates".

d) **"O Gênio e as Transformações Sociais"** — Artigo no "Jornal de Debates".

e) **"A Socialização da Propriedade"** — artigo no "Jornal de Debates" e na revista "Finanças e Seguros".

f) **"O Capitalismo Individualista e Seus Males"** — artigo no "Jornal de Debates".

1948 — a) **"A Bandeira Nacional e seu Idealizador"** — Conferência — editada por J. Modesto Lima.

b) **"O Pan-Americanismo na Modernidade"** — artigo no "Jornal de Debates".

c) **"A Propriedade Privada e o Novo Mundo"** — artigo no "Jornal de Debates".

d) **"A Literatura Infanto-Juvenil à Luz do Positivismo"** — entrevista no "Diário de Notícias".

e) **"Mensagem dirigida aos Educadores Brasileiros"** — Revista da ABE.

f) **"O Estado, os Trustes e o Petróleo"** — "Revista de Finanças e Seguros".

1949 — a) **"A Política Colonial à Luz do Positivismo"** — artigo no "Emancipação".

b) **"O Quarto Centenário de Barneveldt e a Independência Holandesa"** — artigos no "Emancipação".

c) **"A Propriedade à Luz do Positivismo"** — artigo no "Emancipação".

d) **"O Problema da Paz"** — artigo no "Emancipação".

1950 — a) **"Introdução à Filosofia das Ciências"** — Revista do "Serviço Público".

1952 — a) **"A Cidade Universitária da Universidade do Brasil"** — publicação do D.A.

b) **"Programa — Resumo da Moral Teórica"** — Edição mimeografada.

c) **"A Ilha Universitária"** — Revista do "Serviço Público".

d) **"Instituto de Puericultura"** — Revista do Serviço Público.

1956 — a) **"In Memoriam"** — Professor João Marinho de Azevedo — Edição do Clube Positivista.

1963 — a) **"História da Ciência"** — Edição do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação.

b) **"Responsabilidade Penal à Luz do Positivismo"** — Edição em Ditto.

c) **"O Divórcio à Luz do Positivismo"**.

d) **"Programa de Sociologia"** — Edição em Ditto.

e) **"O Condicionamento Sociológico.**

OBRA INÉDITA

Mecânica Geral — Capitulo VII da Síntese Subjetiva — Tradução e Comentários.

LUÍS HILDEBRANDO DE BARROS HORTA BARBOSA

Por Ângelo Torres

Em 1940, um homem maduro, com pouco mais de cinqüenta anos, procura ainda saciar a sua sede de saber.

Já ouvira as palestras do D.I.P. Departamento de Imprensa e propaganda do governo Getúlio Vargas, encarregado de fazer a promoção federal através de noticiários, cartazes, fotografias. Era então comemorado o terceiro ano do **Estado Novo,** surgindo com o golpe de Estado de 1937.

Esse homem de idade, aposentado, acompanhara palestras sobre finanças, Obras Públicas, Programas de Governo, feitas pelo D.I.P., no Palácio Tiradentes, aqui no Rio de Janeiro.

Logo em seguida, também por convite publicado nos jornais, foi a uma sala da Rua São José, em prédio velho, servido por elevador também muito usado, e único.

A sala tinha cerca de 40 cadeiras, com alguns quadros a óleo na parede. Parte da sala era separada de um corredor por uma partição de madeira envernizada em prêto.

A SEDE DE SABER

Lá o homem ávido de saber, amante da ciência, conheceu o Professor Horta Barbosa, o homem que ensinava a ciência.

Luís Hildebrando de Barros Horta Barbosa, este era o seu nome todo. Alto, meia idade, atencioso. Cabelos ondulados, penteados para trás. Usava óculos, os quais, para ler, retirava, mostrando ser míope ao aproximar demais o papel.

O assunto era "História da Humanidade" através dos grandes homens, não era apenas uma enumeração de datas e um relato de fatos isolados. Havia uma continuidade perfeita na sucessão das etapas apresentadas.

Da Pré-História se levantavam as primeiras civilizações conhecidas, sua religião, seus costumes, sua contribuição ao Progresso Social.

As diversas fases da História se desenrolavam como um romance contínuo, como se fora a biografia de um único ser, a Humanidade, vivendo através dos séculos.

O homem que procurava o saber, e finalmente o encontrou, era João Eugênio Torres, meu pai, hoje falecido. Eu tinha então doze anos de idade e terminava o curso primário na condição de um dos últimos alunos da classe. Não havia motivação para estudar

Meu pai tornou-se aluno permanente do Prof. Horta Barbosa e eu passei a acompanhá-lo em todas as palestras. Dessa influência benéfica sobre os meus estudos resultou um enorme interesse e compreensão em relação ao ensino. Passei de último aluno a primeiro da classe, ao começar e durante os estudos secundários.

Esse fato confirma o grande valor didático do Positivismo: a classificação das ciências, com o ensino científico, subindo gradativamente do mais simples ao mais complexo, dão ao aluno a única forma lógica para compreensão do enorme e crescente acervo cultural da Humanidade.

Este é o momento em que cumpro um dever elementar de cortesia e de gratidão. Em nome de meu saudoso pai, em nome de um grande número de positivistas e de simpatizantes, em nome deste clube e em meu próprio nome, agradeço efusivamente os ensinamentos recebidos nessas belíssimas lições, nos numerosos cursos dados pelo eminente homem de coração, de elevada inteligência e de comprovada capacidade técnica.

E quem era esse homem invulgar?

VIDA AFETIVA

O Prof. Hildebrando era dotado de uma suave bondade, sensível aos apelos que lhe fossem dirigidos. Verdadeiro Cavaleiro nessa época industrial, gentilhomem de elevados sentimentos.

Evitava todo desentendimento pessoal. Preferia ausentar-se de luta entre interesses egoístas. Por outro lado, achava-se firme no trabalho e na luta em prol do que, no seu patriotismo profundo, desenvolvia na defesa das riquezas do Brasil, na defesa das liberdades da Pátria e dos povos, em geral.

No trato pessoal era extremamente afável. Não sabia negar os favores pedidos. Era o grande coração, feliz em servir, incapaz de guardar para si, exemplo vivo daquele que

A todos tudo entrega, e nada a si reserva;
Tão pródigo, porém, de nada se empobrece,
Que no supremo bem (o amor) ao qual os outros cedem;
Que se todos contem, do qual todos procedem;
E nesse único apoio inteiro se sustendo,
Encontra em todos tudo, a ele apenas tendo.

OBRA INTELECTUAL

A atividade didática do Prof. Hildebrando começou ainda quando estudante, lecionando a seus colegas. Depois auxiliou ao seu pai, Luís Bueno Horta Barbosa, na tentativa de um curso Enciclopédico no Templo da Humanidade, da Rua Benjamim Constant.

A partir de 1938 proferiu mais de 25 cursos completos, e mais de 40 palestras, num total de cerca de um milhar de conferências realizadas em vários auditórios e em praça pública, nesses números não incluídas as palestras sobre temas técnicos na área de engenharia.

Além desse trabalho pessoal direto em sala de conferência, realizou mais de cinqüenta trabalhos, na grande maioria publicados.

Sem dúvida a grande atração de sua vida foi o magistério, como ele próprio disse, resultando na

"grande afinidade mantida sempre com os que estudam, procurando assimilar e transmitir os imensos tesouros intelectuais acumulados pela Humanidade em seus ingentes e milenares esforços por bem interpretar as realidades que a dominam e ao mundo em que vive".

O ENSINO

A função de transmitir o saber, das mais nobres no estudo da sociedade, foi portanto a preocupação constante do Professor Hildebrando. Sob esse aspecto ressaltam em sua obra três cursos principais:

o Curso de História da Humanidade através de seus grandes tipos
os Cursos de Filosofia Primeira
o Curso Enciclopédico de História da Ciência

A HISTÓRIA DA HUMANIDADE

No memorável curso da História da Humanidade o Prof. Horta Barbosa mostrou a interpretação histórica dos papéis desempenhados pelos grandes tipos de cada época.

Na emocionante caminhada da espécie humana iniciada há mais de 5.000.000 de anos, passaram pelas palavras simples e precisas do simpático e erudito professor as necessidades da caça, as ferramentas de pedra lascada, os tabus e as religiões dos homens, o Fetichismo inicial. . .

Defilaram as civilizações mesopotâmicas e do Nilo; em seguida a evolução grega, repleta de nomes famosos na Poesia, na Filosofia e na Ciência.

Então nos falava o próprio Aristóteles como ensinaria há 2.300 anos.

Em seguida a civilização romana passava por nossos olhos na regência do mundo, ditando a paz e a lei.

Veríamos o Apóstolo das Gentios, o grande São Paulo, os Cavaleiros da Idade Média, a Civilização Feudal.

Então vimos o início da Revolução Moderna, com o uso da pólvora nivelando o vilão, o cavaleiro e o senhor feudal, tornando desnecessário o longo treinamento nas armas medievais.

Os grandes artistas, os novos teóricos floresceram criando as ciências hoje conhecidas.

Contou-nos como Galileu, de forma genial, desenvolveu a Mecânica e como foi forçado a abjurar da afirmação de que a terra se movesse.

A verdade contemporânea, seus problemas, a falta de governo, a grande solução de Augusto Comte para os males sociais, coroaram o maravilhoso desenrolar do longo e sublime romance humano.

OS CURSOS DE FILOSOFIA PRIMEIRA

Esses cursos, repetidos de maneira diferentes, mereceram um carinho especial do Professor Hildebrando.

Eram sempre, iniciados por um estudo das funções cerebrais, seguida da teoria da abstração.

Deve-se notar que se chama de Filosofia Primeira ao conjunto de 15 leis gerais, aplicáveis a qualquer concepção, em qualquer das ciências fundamentais.

Diz o mestre Horta Barbosa:

"O saber que integra a Filosofia Primeira corresponde às concepções abstratas de ordem superior, isto é, aquelas nas quais, além de se abstraírem os seres em que se contemplam os fenômenos, também se afasta a consideração de natureza própria a cada uma dessas categorias de atributos. Esse é o saber supremo, verdadeiro golpe de vista geral sobre o conjunto dos conhecimentos humanos".

E justificava a necessidade do conhecimento da Teoria Cerebral de Augusto Comte dizendo:

"Para que se possa compreender como constrói a Humanidade as ciências positivas, formadas por conjuntos de leis abstratas relativas tanto ao mundo como ao homem, todas racionalmente coordenadas entre si, de modo a permitir a previsão dos acontecimentos de que depende a existência social, **é de toda a conveniência que se tenha uma idéia clara do modo pelo qual funciona o sistema nervoso nessa imensa elaboração".**

E apresentava especificamente a evolução do aparelho cerebral desde os protozoários, em que, por terem apenas uma única célula, as funções de sensibilidade e de motilidade são atributos de toda massa celular.

Passo a passo, a Teoria Cerebral era explicada até mostrar detalhadamente essa **obra-prima** de Augusto Comte.

Apreciava os motores afetivos, desejos, interesses, ambições. Em seguida, depois do estudo das cinco funções intelectuais, abordava as qualidades de caráter.

Cada uma das 15 leis era a seguir cuidadosamente explicada, com sua evolução histórica, seguidas de exemplos esclarecedores.

O CURSO ENCICLOPÉDICO

Esse curso, sob o título de Curso de História e Filosofia das Ciências, abrangeu as sete ciências teóricas ou fundamentais. Nele o Engenheiro Hildebrando Horta Barbosa, com sua habitual elevada proficiência, passou em revista, desenvolvendo, com erudição e segurança, desde as mais simples leis, teorias e concepções da Matemática, seguidas das da Astronomia, da Física, da Química... até as leis, teorias e concepções mais complexas da Biologia, da Sociologia e da Psicologia ou Moral teórica. Das leis, teorias e concepções em questão, mostrando a gênese, a evolução e o estado atual; bem assim, lembrando, os nomes dos grandes e devotados homens que as relevaram, que as aprimoraram, em graus sucessivos, e nô-las legaram...

De fato com profundo conhecimento obtido em longos anos de leitura e de meditação, Horta aBrbosa apreciou, com magnífica propriedade,

a evolução histórica de cada concepção básica, relativa a cada ciência. Subiu, degrau a degrau, a escala enciclopédica, até à ciência mais complexa — a Psicologia, o domínio científico mais nobre e mais dependente — aquele relativo a própria natureza humana.

Foi, a nosso ver, a mais alta fase da carreira de magistério do Prof. Hildebrando.

Sobressaíam-se em suas límpidas e belíssimas aulas a sua simpatia natural; em seu semblante atento e cortez, a sua erudição não afetada; tudo parecendo nascer involuntária ou espontaneamente do desdobramento do assunto.

EFUSÃO

Professor Hildebrando.

Venerável Mestre.

Somos as testemunhas de quanto estais hoje presente em nossas vidas, pelo muito que as modificastes.

Todos sofremos permanentemente essa doce e benéfica assistência que se dilata com o tempo.

Podemos rever-vos em nossas recordações lembrando o que disse George Eliot:

"Possa eu...
ser para outras almas infelizes
a taça de vigor n'agra agonia;
nos peitos acender briosa chama;
De alimento servir a afetos puros,
gerar sorrisos que não têm ferezas;
ser o doce assistir de um bem difuso
a dilatar-se sempre com mais força.
Tal me unirei ao invisível côro,
cujo canto canoro alegra o mundo..."

Do estudante ao profissional;
Do patriota-nacionalista ao idealista de um mundo só;
Em sua multiforme e intensa atividade na Ciência, na Tecnologia, na História, na Filosofia e na Religião... exímio artífice da comunicação, que era, tudo que fazia, Hildebrando temperava com o mais puro sal do Humanismo moderno.

O Homem é a medida de todas as coisas — Pitágoras

LUIZ HILDEBRANDO B. HORTA BARBOSA

O Hildebrando — para os familiares e para os amigos
O Engenheiro Horta Barbosa — nos meios profissionais

Por **Ruben Descartes de Garcia Paula**

O meu primeiro contato com Hildebrando deu-se em 1920. Havendo eu entrado para a antiga Escola Politécnica, do Largo de São Francisco (hoje Escola Nacional de Engenharia) naquele ano, ali fui defrontar-me com os principais ramos da Matemática superior, como: Cálculo Infinitesimal (subdividido, este, em Diferencial e Integral), Geometria Analítica e Geometria Descritiva. Não preparado convenientemente em Matemática elementar, no curso ginasial (o qual, naquele tempo era constituído de um só grau, realizado em 5 anos), me vi em dificuldades. Não nos primeiros dias de aula, porquanto o professor de Cálculo era o Dr. Francisco Ferreira Braga, positivista, e, como tal, conforme são em geral, os positivistas dedicados ao magistério e outras profissões de base intelectual, possuía, além de alta competência profissional, elevada cultura geral e filosófica. Sendo ele, então, Deputado Federal, sua permanência na cadeira magistral era curta; pois em abril dela se afastava para ocupar sua cadeira na Câmara dos Deputados.

Pela sua cultura e pelo método de ensino positivista, precedia ele, seu curso, de uma judiciosa introdução sobre a Filosofia Primeira e sobre a Filosofia Matemática, segundo Augusto Comte. E pelo fato mencionado, de ser passageiro o seu contato com a classe, se alongava na parte introdutória, deixando o desenvolvimento do Cálculo propriamente dito para o seu substituto.

Embora jejuno nas altas elocubrações filosóficas daquele eminente mestre, apreciava bastante suas preleções.

Mas viríamos, eu e alguns dos colegas, enfrentar outra realidade: o substituto do professor Braga era o professor Gama, o qual, embora relativamente moço, era cisudo, um tanto introvertido e de pouca conversa. Ao que me lembro, eram suas aulas mais ou menos assim: entrava na sala, pegava o giz e ia para o imenso quadro negro; aí, quase todo o tempo virado de costas para a classe, ia enchendo o quadro de algarismos e outros símbolos, de equações, fórmulas, etc.; e, com voz possante e clara e quase ininterrupta ia explicando... mal dando tempo (era o meu caso e o de alguns companheiros) de copiar e entender o que ele escrevia e dizia...

As coisas estavam nesse pé quando viemos a saber que um aluno do 2.º ano ia dar — como repetidor,por iniciativa própria — numa das salas da própria Escola, aulas de Cálculo e de Geometria Analítica; e o mais importante e espantoso para mim e para outros alunos pobres, naquele tempo em que não havia bolsas de estudo — as aulas eram de graça.

E na hora aprazada para as providenciais aulas, já com a sala cheia, nela me abanquei. Logo depois sobe para o tablado um rapaz que, de pronto, me chamou a atenção: modesto, estremamente simpático, de sorriso fácil, conquanto discreto. Começou explicando os objetivos de sua iniciativa; dirigiu-se aos alunos indagando de como estavam "vendo" a matéria; das dificuldades que estavam encontrando; pede aos assistentes exemplos de ditas dificuldades; e, com clareza e detalhes, sobre elas explana.

Pela simpatia com que se dirigia aos colegas, os punha inteiramente à vontade; pela justeza e clareza e de sua exposição foi quebrando em nós o terrível conceito que havíamos formado de estarmos perdidos naquele quebra cabeças do professor Gama.

E não foi somente nas matérias do 1.º ano que o jovem aluno-professor tão prazerosamente ajudou seus condiscípulos; nos anos seguintes, sempre dentro do mesmo critério, lecionou Mecânica e Astronomia. Aulas, estas últimas, a que não assisti, por haver eu, em 1921, mudado de rumo, trocando, dentro da mesma Escola, o curso de Engenharia Civil pelo de Química-Industrial.

Este, em rápidas e iniciais pinceladas — todos já adivinharam — o retrato do Hildebrando. O Hildebrando que tive a ventura de conhecer em 1920, tendo ele, então, 20 anos e eu 21. Assim conheci este inesquecível companheiro nos seus verdes anos da juventude. Como acabamos de ver, já então, quase ia eu dizendo, esbanjando alguns dos atributos que encheriam toda sua vida: cultura sólida, para a sua idade, inata aptidão de exposição ou de professor, bondade ou aptidão de servir ao próximo.

No entanto, fora os encontros nos dias de suas aulas, não chegamos a estabelecer relações. Isto só veio a dar-se em 1921, quando, me havendo transferido para o curso de Química-Industrial, aí fui encontrar, como colega do primeiro ano, Paulo Carneiro, de quem tinha eu breve lembrança de haver conhecido anos antes, em casa de sua tia D. Heloiza Carneiro Farias; assim como o haver visto, ("de longe") ou sem nos aproximarmos, na Igreja Positivista, onde umas poucas vezes, até àquela época, fôra eu em companhia do meu saudoso Pai. Apresentamo-nos mutuamente e Paulo me apresentou a Hildebrando; a partir daí a simpatia e a gratidão por Hildebrando se transformaram em amizade fraterna ganhando um curso que se estendeu e robusteceu por toda a nossa vida.

Por outro lado, as tênues tendência e simpatia que então nutria eu pelo Positivismo que, conforme dito acima, herdara de meu Pai, começaram a crescer no convívio com esses camaradas e amigos. Foi a partir daquela época (1921) que comecei a freqüentar, na Igreja Positivista, as prédicas dominicais e as festas dedicadas às grandes datas

do Calendário Cívico cultural e religioso, de A. Comte, com adaptações, para o Brasil, devidas aos eminentes Apóstolos Miguel Lemos e Teixeira Mendes, abrangendo os grandes acontecimentos ou datas e figuras universais e brasileiras.

O fato de Hildebrando, já naquela fase de sua mocidade, apresentar a extraordinária precocidade, e o preparo nos diversos ramos da Matemática transcedental; o fato de oferecer desinteressadamente os seus conhecimentos aos companheiros de Escola, em aulas ao alcance de todos que quizessem, assinalavam já então, fortemente, a sua natureza: tenaz e responsável na ação, estudioso e culto; altruista, bom, justo e prestante.

Todos esses atributos que caracterizavam sua personalidade, ele os deveu, em parte, à sua constituição cerebral e cordial, intrínseca ou inata; na outra parte — a mais preciosa, deveu-a, primeiro, à influência de seu lar, de seus pais, D. Nenen e Sr. Luizinho, ou ainda Sr. Horta (como entre os amigos eram conhecidos), os quais, positivistas que eram, o iniciaram desde cedo, e na melhor das escolas que é o exemplo, numa educação sob todos os aspectos elevada e construtiva. Em seguida, agora juntamente com os estudos convencionais ou escolares, a preparação, a um tempo mais extensa e mais intensa que oferecia, então, à nossa Igreja Positivista.(1)

Na verdade, onde e quando passei a conhecer bem o nosso homenageado de hoje, foi naquela quadra das mais felizes de nossa juventude; quadra de sonhos e de ideais, na qual, como diz o poeta, "... as esperanças vão consoco à frente e os desenganos vão ficando atrás..." Permita a generosa assistência que eu recorde, em singelo escorço, um pouco daquela quadra, porque encerrando ela parte da vida do nosso saudoso Hildebrando, coincide com a minha entrada, de maneira consciente, nesta "Catedral de idéias" que é o Positivismo, como o viu o escritor francês Gabriel Tarde; quadra em que, igualmente, extasiei-me diante desta "Niágara que flui do bico de uma pena", a obra de Comte, na feliz imagem do saudoso e culto professor Agliberto Xavier.

De fato, relembrando que até então somente havia eu ido algumas poucas vezes à Igreja Positivista, ou Templo da Humanidade, do Rio, levado por meu saudoso Pai, Antônio Cândido Ferreira Paula, positivista da primeira hora, companheiro que foi (e de cujas idéias se tornou adepto) de Teixeira Mendes, ainda como estudantes, os dois, da antiga Escola Politécnica, nos primeiros anos da década dos 80, do século passado. Embora, pois, já conhecesse o Templo, repetimos, foi na companhia de Hildebrando e de seu primo Paulo, que lá voltamos e, numa fase nova, começamos a freqüentá-la e iniciar nossa formação positivista de modo sistemático. Além dos dois jovens mencionados eram, então, outros de nossos companheiros do mesmo credo: Rodolfo Paula Lopes, Alberto Jacobina, Júlio e Francisco Baiardo Horta Barbosa (o último o nosso saudoso Chiquinho, ambos, irmãos de Hildebrando), Benjamim Barradas, Freycinet Perissé, Gaspar Ferreira, Henrique de Oliveira e quem ora lhes está falando. Este pequeno grupo é que formou a turma que denominamos dos **Cavaleiros da Ordem e Progresso**, de-

nominação que tomamos indo buscá-la no sábio, e sempre oportuno de lembrar, lema sociológico-político inscrito em nossa bandeira.

Um pouco mais tarde, juntaram-se ao nosso grupo outros jovens: Ivan Lins, Jair Porto, João Francisco de Souza, Temístocles Xavier e Artur Martins Sampaio.

De dois deles, para nossa infelicidade, o convívio foi curto: a atroz fatalidade nos roubava uma das mais vivas e caras esperanças, o talentoso pintor-escultor Chiquinho, justamente quando, em prêmio de viagem, ia ele para Paris, a fim de continuar seus estudos artísticos. Como, de modo igualmente doloroso, e trágico, era-nos roubado o também jovem e brilhante recém-formado médico Temísticles Xavier.

Ao recordarmos esses fatos, embora falando em diversos companheiros, ou num grupo de jovens de que, pessoalmente, fui parte, faço-o para mostrar o papel, nele, do Hildebrando, o qual, pela vivacidade e oportunidade com que punha em ação seus atributos e pendores acima lembrados, se destacava tornando-se como que o nosso líder. Sendo que nos casos de dúvidas ocorridas nas aulas de que falaremos a seguir, era a ele que nos dirigíamos em busca de esclarecimentos.

Assim sendo, relatarei que naqueles distantes anos do decênio de 20, ensaiávamos — a turma acima referida — uma das regras da instituição religiosa de Comte: a Igreja ou Templo não é apenas um lugar de culto, de comunicar-se a criatura com Criador, isto é, com Deus e com os Santos, como aceitam ou praticam os adeptos do Teologismo. Mais do que isto; é o Templo Positivista uma Escola; sendo, a Religião, no conceito do Filósofo e Renovador, (Comte) um sistema de educação integral, isto é, intelectual, moral ou do sentimento e prática; tudo completado com a educação cívica.

Tendo em vista este elevado mister, e de acordo com o projeto do Mestre, tiveram os fundadores-construtores do nosso Templo da Humanidade, o primeiro a ser levantado no Mundo, o cuidado de dar-lhe disposição adequada ao dito mister. Na verdade, possui ele no andar térreo, embaixo e em toda extensão da nave, todas as acomodações, embora modestas, de uma escola (para o ensino teórico geral, uma vez que não comportam laboratórios), com salas de aula e biblioteca, formando um local apropriado ao ensino, ao estudo e à meditação.

Pois bem, com os meios acima recordados, nesse ambiente desenrolou-se grande e importante etapa de nossa cogitações juvenis: prepararmo-nos complementarmente, a fim de nos tornar dígnos e eficientes agentes do serviço e da evolução progressista da comunidade pátria.

Na verdade, dentro dos postulados de nossa doutrina, cada cidadão deve aliar à sua ação profissional, própria da carreira para a qual se preparou, ou se prepara, uma ação complementar mais geral; cívico-social-cultural-filosófica e religiosa (esta última no sentido amplo de educação, ou seja, de aprimoramento moral ou afetivo), de modesta (a ação) a razoavelmente elevada de acordo, é óbvio, com a profissão ou carreira e o meio onde vai agir, de cada um.

Assim foi o que tentávamos realizar: aos domingos assistíamos às prédicas (dominicais), as quais constam, como se sabe, da leitura e comentários, por um oficiante, do Catecismo Positivista, de Augusto Comte. Este, como se sabe igualmente, encerra uma síntese da evolução humana: o surto, o desenvolvimento e a teoria de entendimento humano, sobretudo no relativo ao campo afetivo; as interrelações deste com os outros atributos, a inteligência e a atividade, maxime os positivo — construtivos e sua ação educacional-religiosa. Nos grandes feriados, nas datas magnas do Calendário cívico-religioso, quer nacionais, quer universais, lá estávamos, no Templo, que as comemorava (e continua a fazê-lo), retemperando o espírito nos exemplos dos grandes sábios, heróis, santos, estadistas, inventores e outros (de projeção universal e nacional), cujos nomes assinalam cada data, cada feito do dito Calendário. Outra face da formação cultural que buscávamos, como complemento da formação profissional, de cada um de nós, conforme lembramos acima (na turma havia estudante de Medicina, de Engenharia, de Química, de Farmácia, de Belas-Artes, e da Escola Naval; assim como jovens já integrados numa profissão), era aquela dada em moldes escolares, isto é, em aulas regulares (à tarde, após as obrigações funcionais de cada um, ou à noite).

É parte dessa atividade cultural que passamos a relatar sucintamente:

Por solicitação dos componentes da nossa unida turma foi, pois, posto em execução uma das finalidades do Templo, isto é, a escolar, com a realização nele de aulas-conferências de:

1) Matemática, ou melhor, Filosofia Matemática, o que esteve a cargo do Professor Luiz Bueno Horta Barbosa (pai de Hildebrando), inteligência das mais fortes e lúcidas, mestre-educador de cultura extraordinária, o qual, nos embevecia tirando e nos transmitindo, da chamada "ciência árida", tesouros de sabedoria. Mostrando a Matemática como fonte perene de lógica, indispensável base de toda coordenação científica. Nessas aulas, pela dificuldade do Sr. Horta ir ao quadro, Hildebrando o auxiliava, e, nas suas faltas, o substituía.

2) Química (especialmente Filosofia Química), a cargo de Paulo Carneiro, o qual, então estudante dessa ciência-profissão já revelava grande cultura geral e invulgar dom magistral; encantava-nos ele com a exposição das principais teorias e dos mais interessantes lances da história da ciência do imortal Lavoisier.

3) Filosofia Primeira, a cargo de Silvio Vieira Souto, antigo jurista, dono de uma inteligência, de uma cultura geral-filosófica, temperada por mavioso veio poético, das mais sólidas e brilhantes. Foi com verdadeiro deslumbramento que penetramos nesta estrada nova, para nós, de conhecimentos: a qual, malgrado sua beleza e força lógica e filosófica, é pouco ensinada e estudada fora das áreas positivistas. Instituída ou coordenada por A. Comte que lhe deu o nome de Filosofia Primeira, consiste a mesma num conjunto de leis gerais abstratas, independentes dos fenômenos (em oposição ao que o Filósofo denominou Filosofia Segunda que é o conjunto das leis próprias a cada uma das ciências teóricas ou fundamentais: Matemática, Astronomia,

Física, Química, Biologia, Sociologia e Moral). Através da Filosofia Primeira (2) aprendíamos, dentre outras coisas, a razão de sermos positivistas no meio de uma sociedade em parte fetichista, em parte teológica e, em parte ainda, metafísica. Em nossos atribulados tempos, quando se apresenta tão confusa e contraditória a questão religiosa, com a contestação de um lado, a confusão e a mistura de cultos e ritos, de outro, a Filosofia Primeira, ou a Epistemologia, à luz do Positivismo, traz respostas para indagações como estas:

a) Por que inúmeras e tão diversas formas de religiões coexistentes?

b) Por que, apesar de nossa espécie já haver atingido o estado positivo do entendimento, ainda há indivíduos e grupos sociais nos estados **fetíchico-teológico** e **metafísico**?

c) Como se explicar que grande parte de nossos católicos saem das Igrejas e vão para os **terreiros**... rezam a Deus, à Virgem Mãe, a Cristo, aos Santos (teologismo); e, de mistura com essas rezas, encomendam **exorcismos** a padres, ou a feiticeiros; **despachos** a **macumbeiros** e tomam parte nos seus ritos — por vezes os mais grosseiros e diabólicos!... (mistura espúria de fetichismo e de teologismo dos tempos do obscurantismo medieval.)

O primeiro item é explicado pela **lei dos três estados,** de Augusto Comte, como se deduz do seu enunciado: "**Cada entendimento apresenta a sucessão de três estados: fictício** (ou teológico), **abstrato** (ou metafísico) **e positivo** (ou científico) em **relação às concepções quaisquer, com uma velocidade proporcional à generalidade dos fenômenos correspondentes**"(3). Exemplo: os fenômenos matemáticos os mais gerais são os primeiros a alcançar a positividade: a primeira lei científica (positiva) é matemática, foi, como ninguém ignora, a de Tales de Mileto (640-550 a.C.): a **soma dos ângulos de um triângulo qualquer é igual a dois ângulos retos.** (Não há vontade humana ou divina que contrarie esta verdade!.) Enquanto os fenômenos biológicos—menos gerais (e mais complicados) — continuavam supostos dependentes das divindades, e somente muito mais tarde, a partir do século 17, com Harvey (1578-1657), Gall (1758-1828), Bichat (1771-1802), começaram a tornar-se positivos, e até hoje não se libertaram completamente das entidades fictícias, pois quanta gente neste fim do século 20 crê ainda na ação de **espíritos,** de **signos zoodiacais,** donde andarem atrás de horóscopos, de amuletos etc., em cuja influência sobre estado de saúde e de doença; de sorte ou de azar, acreditam. Não distingüindo entre a influência da coisa material e a sugestão (ação subjetiva), que a coisa material — como os amuletos e outros — enseja... Nos domínios da Moral existem ainda os que creem ser o **altruismo** (a ultrapassada **graça** de São Paulo) de emanação divina, enquanto o **egoísmo** seria "coisa de Satan ou artes do diabo". Quando para a ciência Moral Teórica ou Psicologia, desde Gall, os dois pendores têm a mesma raiz científica: são frutos da função de um órgão: o cérebro. Têem ambos sua sede no próprio homem; não descem do Céu, não emergem das "profundas".

Ora, cada um dos **três** estados ou cada forma do entendimento dá lugar à uma filosofia (definindo-se filosofia como conjunto de concepções que explicam o Homem e o Mundo): as **Filosofias** à **Fetichico-Teológica**, à **Metafísica** e a **Positiva** (científica). São as três correntes fundamentais da Filosofia geral; fontes igualmente das três formas fundamentais de religiões: as **religiões fetichistas, as teológicas (politêicas e monotêicas)** e as **positivas** (como pode ser considerado o Budismo) e o Positivismo.

Na verdade, nossa espécie no transcurso de sua longa evolução passou e passa por esses três estados fundamentais de concepções: o homem primitivo, dos mais remotos albôres da organização social, foi **fetichista**, isto é, atribuía a tudo, a todos os corpos em seu redor, ou à sua vista, sentimentos e vontades iguais aos seus próprios; donde cria que os mesmos corpos e objetos (uma pedra, uma mesa, uma porta, o vento...) eram capazes de influir, para o bem ou para o mal, em sua vida, sugerindo a necessidade de agradá-los ou de propiciá-los: é o início do culto, de uma religião — o **fetichismo.** As sociedades humanas ainda hoje em estágio primitivo, como os indígenas, nossos e outros, bem assim as crianças, são espontâneamente **fetichistas.**

Os indivíduos e as sociedades tornam-se em seguida teológicos: primeiro politêicos, depois monotêicos; por fim, consciente ou inconscientemente, tornam-se positivos (ateus ou agnósticos no conceito vulgar) isto é, emancipados das divindades ou do sobrenatural; passam a pautar sua vida, inclusive o moral, por princípios humanos, concebidos e desenvolvidos por ele (homem) próprio, baseados na ciência. Tudo isto resultado natural e espontâneo da evolução do entendimento. Outra Lei da Filosofia Primeira completa a explicação dessa realidade: por que diversas formas de religião? Por que surgiram na ordem acima indicada? Por que tendem a fundir-se todas numa religião única final?... Vamos reforçar a compreensão destas indagações através da outra lei de FP assim enunciada: "**Formar a hipótese mais simples e a mais simpática, de acordo com o conjunto dos conhecimento** (ou dados) **obtidos.**"

Assim, o homem primitivo e o ignorante de todos os tempos, como a criança de hoje, **fazendo a hipótese mais simples**, compatível com seus conhecimentos, vêm sentimentos e vontade iguais aos seus em tudo que os rodeiam.

É o **fetichismo espontâneo.** Como vimos acima, a primeira forma de **filosofar** do homem, donde se origina a primeira forma de religião.

Em seguida, dando-se conta de que os corpos e objetos domésticos, e aqueles ao seu alcance, são, por um lado, em número imenso; por outro lado, sendo facilmente domináveis, não carecem de muita atenção. Percebem que os elementos mais perigosos e mais temíveis, de influência mais marcante em sua vida, estavam ou vinham do Céu. De lá provinham os mais poderosos fatores quer benéficos, quer maléficos: o sol, o calor, a luz, as trevas, a chuva, a neve, o raio etc. Voltou-se então, o homem para o céu e para os astros (e planetas) nos quais pôs os seus temores e sua adoração. É o **fetichismo astrolátrico,** em que o objeto principal do culto são os "astros".

Do **fetichismo astrolátrico,** o homem evoluiu para o politeismo, passando a temer e a propiciar com preces e oferendas, ao invés dos "astros" diretamente, sua representação abstrata; isto é, entidades ou

deuses neles sediados: Apolo (Sol), Júpiter, Diana (Lua), Saturno, Marte, etc. Como em casa em que muitos mandam, dilui-se a responsabilidade, é a desordem, o homem foi levado a concentrar maiores poderes em **Júpiter** (da Mitologia romana) ou **Zeus** (da Mitologia grega) que passou a ser o rei dos deuses. É a necessidade da hierarquia que surge. Dentro da organização das sociedades é um progresso: em lugar de se obedecer e cultuar uma infinidade de coisas, do fetichismo espontâneo, o culto torna-se mais exequível quando concentrado nos deuses. Um aperfeiçoamento do **Politeismo** é assim a hierarquização dos deuses, com Júpiter no ápice da escala. É uma hipótese mais simples e mais simpática: pois simplifica o culto.

Notemos de passagem que é encantadora e poética a idéia dos deuses e do seu Olimpo: Homero os põe como personagens vivas, atuantes nas páginas de sua imorredoura epopéia. E o nosso grande Camões, numa época em que o Monoteismo católico mal descia do apogeu da Idade Média, não buscou em Jeová, nos Santos e anjos, etc., os personagens fictícios de seu incompatível épco. Foi buscá-lo no Olimpo; é no maravilhoso mitológico que o excelso poeta encontra os parceiros dos ousados lusos para o domínio dos "mares nunca dantes navegados", misturando na mesma empresa Vasco da Gama, Albuquerque, Magalhães, Cabral e outros, com Júpiter, Apolo, Netuno, Diana, Venus, etc...

De Júpiter ou Zeus (até o nome ajudou) passar para Deus é um pulo e chega-se ao teologismo monotêico ou Monoteismo, representado nos países ocidentais pelo Catolicismo e seus cismas.

Como se percebe, o homem foi mudando as hipóteses a respeito dos fenômenos, e a elas procurando se adaptar como conseqüência da melhor observação e do melhor conhecimento do meio que o cerca e de si próprio.

E assim, e por fim, vê ele que os fenômenos — todos — dos matemáticos aos astronômicos, físicos, químicos, biológicos, sociológicos e aos morais ou psicológicos, não dependem de vontades sobrenaturais. São regidos por leis científicas perfeitamente definidas, demonstráveis, levando à previsão (dos fenômenos); característica, esta, definitiva de distinção entre o ultrapassado espírito fictício teológico-metafísico e o hodierno, atuante, espírito positivo-científico. Sendo de vulgar observação que o espírito fictício (teológico-metafísico) foi necessário; prestou serviços a evolução espíritual da nossa espécie; mas é de caráter provisório. Nada mais se pode esperar dele. Nada se podendo esperar de vontades arbitrárias, enquanto, ao revés, o **espírito positivo** — a ciência e suas aplicações — e a filosofia que delas decorre, aí estão orientando a ação, atendendo às necessidades materiais e morais de nossa espécie. Seu caráter, fundado no império das leis naturais, positivas, imutáveis e incorruptíveis, o tornam definitivo; para sempre atuante. Ou nas palavras de Augusto Comte: "Sua natureza (do dogma positivo), profundamente relativa, não lhe permite a imobilidade peculiar ao caráter absoluto do dogma teológico. Mas esta pretendida mutibilidade acaba realmente na morte; ao passo que as modificações graduais do positivismo são sintomas certos de uma vida tão duradoura

quanto a de nossa espécie." (A Comte: "Catecismo Positivista"; trad. de Miguel Lemos, pág. 284-5.)

E, parafaseando Aristóteles, sendo o homem um animal essencialmente religioso, não iria agora, com a mente inflada de orgulho, pelo imenso saber científico adquirido, deixar secar o coração. Não é verdade serem incompatíveis a ciência e a religião. Incompatíveis, sim, pelas razões que mostramos atrás, são a ciência e o teologismo (ou a ciência e as religiões teológicas). Busca, então, o homem moderno uma religião sem Deus (outra religião sem Deus, atéia, como dizia o Pe. Leonel Franca, velha de mais de 2.400, é o Budismo). E chega ao Positivismo ou Religião da Humanidade, fundada, como se sabe, por Augusto Comte; considerando o Filósofo Religião equivalente a um **Sistema** de **Educação Integral,** isto é, intelectual moral e prática; ou um sistema de congraçamento e unidade do homem, o qual pode acompanhar e dirigir o mesmo homem por toda vida, por assim dizer, do berço à ante véspera do túmulo. O que se deu com o irmão a quem ora estamos rendendo esta ação cultual.

Vamos concluir estas considerações sobre religião procurando explicar esse outro fato da observação de cada um de nós: a coexistência de duas ou das três formas fundamentais da religião ou de crenças, atrás lembradas (com ou sem os inumeráveis cismas e ramificações) seja num mesmo indivíduo, seja numa sociedade: realmente, há pessoas que diante de certos acontecimentos se portam como **fetichistas**: se dão uma topada xingam a pedra do caminho; se o vento faz bater as portas e janelas ou arremessa os papéis que têm sobre a mesa, se enraivecem e xingam igualmente o vento; para terem sorte em determinada empresa (fechar o corpo) trazem uma pata de coelho no bolso. Tudo como se a pedra, o vento, a patinha de coelho etc., tivessem sentimento e vontade; como se os molestassem num caso; os protegessem noutro, conscientemente...

Face a outras circunstâncias são **teológicas:** invocam a Deus, seja por intermédio da Virgem e dos Santos, quer numa hora de aflição, quer para obter uma graça, quer, ainda, para agradecer um dom que supõem ter descido do Céu..

São, finalmente, **positivistas** frente a outros fatos e acontecimentos (dizia Comte que **todos os homens modernos são positivistas em graus diversos de evolução):** a fim de curarem-se de moléstias procuram o médico e tomam drogas; para um mal moral ou psíquico é ainda ao médico (psiquiatra ou psicanalista) que recorrem; tomam o aviãoconfiantes na ciência de quem o inventou, planejou, construiu e pilota; colocam para-raio na própria casa (templo) de Deus, para sua defesa, pondo mais confiança no poder da ciência e da técnica, vale dizer, do homem, do que no poder divino.

Há muita gente que é tudo isto simultâneamente; como em qualquer sociedade contemporânea se encontram os três estágios de religiosidade; o primeiro-fetichista — principalmente nas camadas mais humildes e mais ignorantes. (4).

Esse sfatos, de observação e de verificação fácil, dependem de diversos fatores, quer do meio, quer do indivíduo mesmo: nível social,

educação-instrução, situações (estados) psicológicos oriundos destes e de outros fatores, como a miséria e suas conseqüências, maximé as iniqüidades e as injustiças; o que abala a fé religiosa dos ditos indivíduos e sociedades, gerando a incredulidade, a instabilidade emocional: De quem esperar? **A quem pedir, como pedir?**

Experimenta: o Senhor, a Virgem, o Santo, iemanjá... recorre ao padre, ao astrólogo (horóscopos) ao macumbeiro ao pai de santo, ao feiticeiro... Ou cair no ceticismo ou no nihilismo?...

Ao lado dos fatores apontados, concorre para explicar a concomitância de estágios religiosos diferentes, uma outra lei de **Filosofia Primeira:** é a chamada lei da **persistência.** Descoberta originariamente por Kepler, em mecânica, teve o nome de **lei da inércia: Um corpo sobre o qual não age nenhuma força exterior, permanece no estado de repouso ou segue em movimento retilíneo e uniforme.**

Augusto Comte viu o caráter universal, isto é, extensível a todos os domínios do conhecimento, dessa lei e incorporou-a à sua **Filosofia Primeira,** sob a denominação de **lei da persistência,** com o seguinte enunciado: **Todo estado estático ou dinâmico tende a persistir espontâneamente, sem nenhuma alteração, resistindo às pertubações exteriores.**

Uma de suas conseqüências, em Biologia e em Psicologia, p.ex., é o **hábito.** Assim, o indivíduo que aprendeu a raciocinar teologicamente, criou-se na mentalidade teológica, **tende a persistir nela,** resistindo à à aquisição de outra mentalidade — a positiva, v.g. É o que explica, igualmente, a figura do tradicionalista (que confunde tradição com retrogradação — manutenção de idéias e instituições arcaicas e ultrapassadas); é, igualmente, a figura do conservador rotineiro ou reacionário, os quais, nos estágios mais radicais são os chamados misoneistas, inimigos do progresso, das reformas sociais, morais e religioas.

É bem verdade que a mesma **persistência** que condiciona o hábito, a continuidade, que, conforme visto acima, pode opor-se ao progresso (material e espiritual); em outro sentido é fator de aperfeiçoamento e de progresso. É questão de se trocar maus hábitos da ignorância e dos preconceitos, por outros bons da educação; trocar velhos e ultrapassados hábitos por outros que representem mais adequadamente a época em que se está vivendo e que, pela previsão científica, se mostrem mais condizentes com as necessidades presentes e futuras.

É esta, aliás, a precípua tarefa da educação, quer a geral, quer a cultural e religiosa: mudança de comportamento e de atitudes, e persistir naqueles, adquiridos, que forem positivos e construtivos...

Eis o que está faltando nas sociedades contemporâneas e que é o principal fator da terrível confusão espiritual-religiosa retratada no item c), acima: um sistema de educação integral moderno — não no sentido de novidadesco — mas no sentido de apoiado em real base filosófica e científica moderna (reconhecendo que as velhas teologia e metafísica, após terem prestado bons e indispensáveis serviços ao mesmo progresso estão, em boa hora, aposentadas...). Ensino (educação) que propicie saber, e não mero diploma.

Pois é: aos fatores que geram aquele quadro da coexistência de religiões e crendices diversas numa mesma sociedade e num mesmo

indivíduo, juntam-se esses: a ignorância, a começar por uma péssima e tola educação, desde o berço (os pais, as babás e outros a incutirem na criança o medo pelo **papai do céu**, pelo **bicho papão**, pelo **diabo**, pela **bruxa**, até pelos **velhos!** e pelos fenômenos naturais, como o **raio**, a **escuridão**, etc.); educação que continua viciosa e ruim nos cursos primário e (mais importante) no médio, onde um professorado em grande parte ignorante e mal preparado, não está em condições de transmitir aos estudantes, através das disciplinas científicas — seja nas suas noções preliminares (as disciplinas Matemática e Iniciação às Ciências), seja nas mais avançadas (continuação da Matemática, Física, Química e Biologia) o verdadeiro espírito ou conteúdo científico, sua lógica e seu método, os quais são antídotos dos preconceitos e das supertições (a Ciência destroi preconceitos. . .); filhos da ignorância, pais das crendices, fatores de desequilíbrios mentais, da incoerência, da insegurança, da dúvida, do medo ou pavor — a "paura" de que tanto falam os italianos.

E, num círculo vicioso, buscam esses náufragos espirituais, uma tábua de salvação nos mais absurdos e, por vezes, nos mais grosseiros rituais.

Verdade é que concorrem, ainda, para este quadro, além da deficiência educacional, desequilíbrios mentais ou psicológicos (psicoses) resultantes de anomalias do cérebro e/ou de glândulas endócrinas. Mas mesmo estes, quando não provenientes de lesões, são suscetíveis de ser freados pela educação; é questão de se promover um nível educacional algo mais completo e elevado, através de um ensino não apenas alfabetisante e profissionalizante. . . mas também cultural-humanista. Uma educação complementada por uma campanha, de opinião, esclarecedora sobre o exorcismo, a bruxuria, a macumba, etc., as quais, ao lado de um tanto de ignorância, contêm um tanto de sadismo, quando, expõem seus crentes a situações, ora ridículas, ora humilhantes, e mesmo apavorantes, em casos de sacrifícios de animais e até de gente!

Contra isto (crendices): educação! a ser completada na Igreja, dos diversos credos convencionais, principalmente os teológicos católico e protestante — as mais influentes no Brasil e no Ocidente. Sendo de se esperar da Igreja Católica que, na reforma em ação, sob as luzes dos dois eminentes Papas — o saudoso João XXIII e Paulo VI, e de seus sacerdotes mais racionais e cultos, passe ela a ver, na religião, de maneira mais efetiva, de acordo com o progresso do entendimento e dos conhecimentos, uma ação igualmente mais efetiva e condizente com as aspirações e necessidades do homem moderno: Vendo (na religião) antes um sistema de educação para a vida real, na Terra, para o convívio humano, do que de preparação para ganhar o Céu, depois da morte. . . Como, aliás, o que sempre repetimos, pensa Paulo VI na Encíclica **Populorum Progressio: não cogitar a sua Igreja do reino** (paraíso) **do céu, mas de estabelecê-lo já neste mundo** (Terra).

Diante destas considerações, é fantástico e deprimente que o homem tendo avançado tanto nas ciências exatas e experimentais, esteja ainda tão atrasado nos domínios das ciências humanas, sobretudo da Moral ou Psicologia, a Ciência básica da educação integral. Isto é, não

só a geral científica ,histórica, literária, física (**mens sana in corpore sano**) e profissionalizante; mas, e com ênfase, a cultural-religiosa-humanista. Uma educação mais voltada para o próprio homem: que o leve a comprimir o egoísmo — a fonte dos maiores males quer individuais, quer sociais; e exaltar o altruísmo — que leva ao amor: ao apego, à veneração e à bondade entre os humanos; que conduza à fraternidade universal, que leve à extinção dos privilégios e das descriminações, seja entre indivíduos, seja entre classes sociais. Que se erradiquem da Terra as guerras e todas as formas de miséria (pobreza suporta-se; mas miséria é um insulto, para esses tempos de tanta técnica, que tanto facilita a produção... olha aí a falta de humanismo!...) Estes os caminhos e as aspirações de um Homem melhor num Mundo melhor. É na busca dele, para todos — um **Mundo só,** do porvir, que nós, positivistas pomos o melhor de nossa fé e de nossos esforços.

Este um relato resumido, lembrando a vida de Hildebrando juntamente com outros companheiros, de que acabamos de falar. Teve, esse período, uma culminante para ele, no fim do ano de 1923. Foi quando se formou em Engenharia. No mesmo fim do ano entrava ele na chamada vida prática, tendo sido nomeado engenheiro do Escritório de Obras do MJNI. Logo no ano seguinte (1924), casou-se ele com a mui gentil Senhorita Catarina Gomes da Silva (a sua, para sempre, adorada Catita), na cidade de Corumbá-MT.

Tais acontecimentos não podiam deixar de ter profunda influência na vida do nosso homenageado. Mas, salvo as atrações afetivas de uma esposa, os afazeres e as responsabilidades do lar o qual veio em seguida a enriquecer-se com a vinda de filhos... No mais, nas qualidades de coração, de espírito e de caráter, como nas de servir, Hildebrando, sempre se aperfeiçoando, não arredou da mesma trilha.

Sua capacidade de trabalho era espantosa. Não se limitava às suas obrigações de funcionário, que sempre cumpriu com a mais exemplar das exações; sendo daqueles de quem se diz que não olham o relógio, a fim de ver se findou o expediente; nele, normalmente, permanecia extra-horários, num tempo em que não havia, como hoje, as polpudas gratificações de tempo integral e de dedicação exclusivas. Mas note-se, tão rigoroso consigo mesmo, era profundamente humano e atencioso para com seus companheiros de trabalho e subalternos, até os mais humildes, nas diversos posições de chefia de serviços que ocupou.

Além dessa fecundíssima atividade funcional, (digamos assim), exerceu ele outra paralela e igualmente fecunda e gigantesca: refiro-me à sua ação social-cultural-cívico-educativa; atividade esta, embora em nova fase, foi continuação daquela do Hildebrando estudante, que se estendeu desde o ano de 1926 até o meio do decênio de 60, quando traiçoeira e pertinaz doença o afastou dessas lides que lhe eram tão caras. Foram muitas dezenas de conferências, palestras, cursos (estes em geral desenvolvidos em diversas aulas semanais) e outros tantos trabalhos publicados: livros, livretos, artigos, entrevistas a jornais, etc., cuja lista se encontra em outra parte desta monografia.

Não deixaremos de assinalar, entretanto, que nessa atividade cultural-educativa, quer oral, quer escrita, de Hildebrando, tinha ele a mais alta competência para abordar, e abordou, os mais variados assuntos: sem falar aqui nos projetos, pareceres, relatórios e congêneres, relativos à sua profissão de engenheiro civil, de que foi ele um dos mais acatados e de maior renome em nosso País; discorreu ele, nos acima lembrados, cursos conferências, etc., sobre Ciências, abordando nesse campo as principais teorias e a história da Matemática, da Astronomia, da Física, da Química, da Biologia, da Sociologia e da Moral ou Psicologia; destas ciências, passava ele para a Filosofia, para a História (pátria e universal), para a Religião (ou religiões comparadas), etc. Sendo um profundo conhecedor da obra de Augusto Comte, em tudo que fazia guardava um grande respeito e admiração pelo Filósofo e Mestre, bem assim e igualmente, tudo que fazia era repassado de grande ardor patriótico e cívico, demonstrando grande veneração pelo passado — nosso e universal — naquilo que tem ele de eterno, de tradições positivas e construtivas; desprezando e condenando, porém, o que o tempo e a evolução mostram decadentes e ultrapassados. Não condenando ou demolindo, por mero propósito de condenar ou demolir, mas, ao revés, partidário daquela sentença de Danton: "Só se destrói o que se substitui", mostrava ele o **porque** e o **como** da substituição do ultrapassado pelo novo; 1) afastando as idéias e instituições caducas ou ultrapassadas; respeitando, exaltando, porém, os serviços por elas e por seus promotores, prestados; 2) como abrir o caminho do **progresso** respeitando a **ordem.**

Foi esse critério que pautou, igualmente, suas atividades de funcionário, como diretor do Escritório de Obras do Ministério da Justiça, em que, sob sua direção pessoal, foram realizadas mais de uma dezena de construções, das mais importantes, de que um exemplo é o monumental edifício da Imprensa Nacional.

Passando depois a chefiar o Escritório Técnico da Cidade Universitária da Universidade do Rio de Janeiro, cremos ser este o trabalho que mais o entusiasmou e mais evidenciou a sua invulgar capacidade de técnico.

Em verdade, o projeto da Cidade Universitária constituía um velho sonho de governos transatos. Mas, somente a partir dos anos 30 começou ele a entrar, de modo sério, nas cogitações da Administração Federal; mas, outra verdade é que a simples escolha de onde localizá-la, criou um impasse; teve gestação longa e difícil. Nela, (escolha do local), em épocas diversas, tomaram parte muitos profissionais e estudiosos da questão, inclusive dois arquitetos italianos e o famoso francês Le Corbusier; e dos locais sugeridos constavam a Praia Vermelha-Urca, a Quinta da Boa Vista, a Esplanada do Castelo, a Ilha do Governador, a Vila Valqueire, esta, num longínquo subúrbio da EFCB, etc... Até que em 1944 foi criado o Escritório Técnico da Cidade Universitária, da Universidade do Brasil "ETUB", o qual sob a chefia do Engenheiro L. Hildebrando Horta Barbosa, vai finalmente, por em prática um projeto viável de localização e construção da monumental Cidade Universitária onde está hoje, isto é, na Ilha do Fundão ou na, mais apropriadamente chamada, Ilha Universitária.

Após examinar meticulosa e ponderadamente, em todos os sentidos: extensão das áreas preconizadas, suas distâncias, quer em relação ao centro da cidade, quer em relação ao centro de gravidade da densidade populacional da mesma, sem esquecer as eventuais desapropriações, que ocorreriam, etc., todas as áreas até então sugeridas, foram recusadas pelo Dr. Horta Barbosa, partindo ele para uma idéia e solução própria ou **sui generis,** isto é, **criar** uma área satisfazendo favoravelmente todas as condições supracitadas. Foi, de fato, do ilustre Engenheiro a idéia de reunir, mediante aterro, um arquipélago de pequenas ilhas existentes no fundo da Baía da Guanabara (defrontando Manguinhos), obtendo com isto uma nova ilha de cerca de 5.900.000 m2; sendo esta a chamada Ilha do Fundão.

E assim, organizando e chefiando uma valiosa e entusiástica equipe de engenheiros, arquitetos e outros, trabalhou árdua e intensamente, a começar, como vimos, pela formação da ilha, passando depois para o planejamento e a construção das primeiras unidades do que viria a ser, e é, a Cidade Universitária.

Sob sua gestão, pois, foram iniciadas e deixadas construídas, umas; deixadas em fase de construção, outras, das seguintes obras:

1 — Formação da Ilha do Fundão
2 — Hospital de Clínicas
3 — Instituto de Puericultura
4 — Escola Nacional de Engenharia
5 — Faculdade Nacional de Arquitetura
6 — Ponte Oswaldo Cruz (ligando a ilha ao continente)

E as demais unidades do grandioso conjunto projetadas.

No entanto advieram entraves políticos, seguidos de grandes cortes nas verbas destinadas ao prosseguimento das obras. Logo que Hildebrando percebeu a manobra, e não podendo ali trabalhar no ritmo que lhe era peculiar, demitiu-se ele do honroso cargo de diretor do ETUB, voltando a Diretoria do Escritório de Obras do Ministério da Justiça, de que era o titular efetivo.

Quanto às atividades culturais e cívicas, ou paralelas às suas atividades como funcionário público, de que falamos acima, inúmeras foram elas como vimos; dentre elas, no entanto, destacaremos uma das mais importantes e que mais o empolgaram: foi a campanha pelo monopólio estatal para a exploração do petróleo em nosso País. Como se sabe, nos derradeiros anos do decênio de 40, entrou em discussão, com real interesse de grandes camadas da opinião pública nacional, a dita questão e polarizou-se ela entre duas tendências bem distintas: a dos que se batiam pela entrega da exploração à concessões estrangeiras (sendo que desta um dos principais líderes era o então general Juarez Távora); e a dos que se batiam por solução oposta, isto é, colocar todas as fases da exploração petrolífera nas mãos do Governo, sob o regime de monopólio estatal; tese esta última que ficou então sendo

conhecida pelo nome do seu principal promotor — o então general J. C. Horta Barbosa, ou seja, tese Horta Barbosa.

Criou-se em nossa Terra um clima de entusiasmo popular; a campanha teve tal repercussão que se chegou, com justiça, a considerá-la tão memorável como as nossas lutas anteriores pela Independência, pela Abolição e pela República.

As duas facções se definiram nitidamente: a dos que se batiam pelo monopólio estatal — **os nacionalistas**; e a dos que se batiam pela solução em mãos estrangeiras, os quais foram apelidados de **entreguistas.**

Da memorável pendência surgiram, então, duas circunstâncias de natureza sócio-política que, para nós positivistas e republicamos, como era o caso do Gen. Horta Barbosa, pede um breve exame: a legitimidade ou não de **monopólio** e de **nacionalismo.**

Em tese o Positivismo condena a instituição monopólio, pelo seu aspecto anti-social; de um lado, pelos privilégios que ele confere àquele ou àqueles que o executam (sendo o regime repúblicano contrário a privilégios), de outro, pelos danos que ele causa à economia popular. Na verdade é o monopólio o oposto do livre comércio; não correndo os monopolistas, em cada ramo de atividade, os riscos e concorrência de outros empresários, descambam, em geral, para abusos, quer na baixa qualidade, quer na imposição de preços altos de seus produtos e serviços.

No entanto, os positivistas sempre atentos a uma das tônicas de sua Doutrina, que é o relativismo das coisas, têm um conceito moderno sobre o monopólio. Efetivamente a tese Horta Barbosa partiu de acurada observação do problema, da maneira como funciona a indústria do petróleo (nas suas diversas fases), no mundo inteiro e concluiu que ela não é livre em parte alguma; pelo contrário é monopolista; e, mais ainda, que o monopólio deve ser exercido inclusive na refinação e na distribuição, que são as fases mais rendosas, a fim de com lucros advindos destas, se executar a prospecção e a lavra que são as fases que oferecem maiores riscos e são as mais onerosas. Concluiu ainda a tese Horta Barbosa que sendo a indústria petrolífera, por natureza, monopolista (ela e outras em iguais circunstâncias), deve seu monopólio estar nas mãos do Estado, já porque só ele, pelo seu poder econômico e militar está em condição de defender o monopólio estabelecido, das incursões imperialistas; já porque não visando a lucros, o Estado defende a bolsa do consumidor.

No caso do **nascionalismo** é ele, como se sabe, um sentimento que pode medear entre o mais puro patriotismo e o mais ferrenho e criminoso xenofobismo, até ao genocídio, como, deste último tipo, foi o nacionalismo que empolgou os alemães adeptos do monstruoso Hitler e do seu partido de cujo título **"nazional..."** se originou o tétrico e nefando **nazismo,** o qual estarreceu o mundo com a sua infame e trágica crueldade.

Não é aqui o lugar de falarmos em outros matizes do nacionalismo, mas a verdade é que o conceito existe e é plenamente justo nos

qualificarmos, diante de situações adequadas, de nacionalistas. E, como tal, agirmos.

É assim que o nacionalismo que nós positivistas proclamamos e pelo qual nos orientamos na campanha do petróleo é aquele que ainda hoje nos empolga: é o mesmo nacionalismo de alguns dos mais lídimos de nossos guias políticos nacionais — exemplos dignos de imitação — como Tiradentes, José Bonifácio e Floriano; como foi o do digno guia espiritual — o apóstolo Teixeira Mendes. Nada tem ele de xenófobo, de isolacionismo em relação a outros povos. Nosso nacionalismo é uma forma de patriotismo ativo (não apenas passivo: como amar a Pátria, o que é obrigação de todos, tecer-lhe loas, etc...). Não era, é não é, contra povos que nos batíamos e nos batemos, mas sim, contra os agentes do imperialismo e dos trustes; bem assim, contra a subserviência de seus agentes ou testas de ferro brasileiros. Antes de nos batermos (nesse caso e congêneres) contra estrangeiros, o que nos inspirava e nos inspira é defender nosso povo e sua economia. O que nós aspiramos era e é a independência política e econômica de nossa Pátria; que estejam em nossas mãos as alavancas da direção e do comando do nosso povo e da exploração de nossas riquezas naturais.

E dentro dos conceitos e das disposições resumidamente expostas acima, um bom número de positivistas, membros deste Clube, entrou na campanha pelo monopólio estatal da exploração e industrialização do petróleo e de outras valiosas riquezas do subsolo brasileiro.

Do nosso grupo se destacava, como se destacou na campanha, de âmbito nacional, o Engenheiro Hildebrando Horta Barbosa, o nosso saudoso Hildebrando, pelo seu dinamismo, sua combatividade, sua dedicação à causa. Escrevia artigos para à Imprensa, fazia conferências, discursava em comícios, tudo não só no Rio como em quase todas as capitais e principais cidades dos Estados, para onde se formavam e se deslocavam, nos domingos e feriados, caravanas do Centro de Estudos e de Defesa do Petróleo. Campanha que, como todos sabem, culminou com a nossa vitória, isto é, vitória dos patriotas nacionalistas com a criação da Petrobrás; a qual, embora, a nosso ver, não seja a perfeição, aí está prestando grandes serviços à nossa economia, ao País e ao povo.

Concluiremos nossa oração falando da ação de Hildebrando neste Clube e numa final exaltação de sua personalidade.

Com sua conhecida capacidade em todos os setores, foi ele um dos mais entusiastas de nossa ação. Como um dos fundadores e presidente, que foi, deste Clube, dava ele o exemplo, pondo em prática suas atribuições culturais e cívicas, realizando inúmeros e memoráveis cursos e conferências, saídos daqui, embora realizados em outros salões mais amplos do que o da nossa sede, então mais modesta.

Assim, numa época de ceticismo, de repulsa mesmo (como se continnua a observar hoje), pelas questões sociais, culturais e cívicas; numa época marcada pelo (quase dizia eu) sórdido utilitarismo, Hildebrando dava o exemplo e nos impelia na senda de fazer deste Clube um centro de estudos e de irradiação, não só da obra de Comte,

particularmente de suas aplicações na solução de muitos dos problemas morais e sociais que a nossa espécie — no Brasil e alhures — está defrontando; mas, também, de um centro de debates aberto a todas correntes do pensamento e da ação, desde que positivas e construtivas. Ele desapareceu objetivamente, mas, sob o impulso de sua memória, como da de outros companheiros desaparecidos, continuaremos aqui, nossa luta, nossa pregação em prol de uma sociedade, de uma Pátria mais justa, mais equânime, liberta de discriminações sociais, de castas privilegiadas ainda existentes; guiando-nos nessa ação pela luz da mais radiosa, da mais humana e oportuna das doutrinas — o Positivismo. Doutrina que, do berço ao túmulo, guiou e inspirou os passos do nosso homenageado de hoje. Sim, porque se havendo ele abeberado, desde a infância e a juventude na límpida fonte dos ensinamentos da sua, da nossa Doutrina, viu, como vemos nós, que sendo a mesma baseada na realidade da ciência, é a única capaz de apontar ao desarvorado homem contemporâneo um rumo e levá-lo a um porto seguro. Ele, como poucos, deu o exemplo pessoal de se ter proposto um rumo e nele persistir. Não ficou nos primeiros passos (como muitos ficaram) porque escolhera bem o caminho; não mudou de rumo (como outros mudaram) porque o caminho escolhido era o certo.

Poucas criaturas realizaram, como ele, de modo tão completo, aquele pensamento tornado, por Augusto Comte, numa das máximas do Positivismo: **Viver para outrem.** Poucos como ele, igualmente, viveram com tanta intensidade aquele pensamento de Clotilde de Vaux: **Que prazeres podem exceder aos da dedicação?**

Na realidade, reiteramos, de uma bondade, de uma dedicação e de um desprendimento invulgares, agia ele, em geral, mais em benefício do próximo (parente ou não) do que no seu próprio. Como funcionário público, lembramos atrás, dava o exemplo de exação a seus subordinados e companheiros de trabalho, em geral; pessoalmente dava, de si mesmo, mais do que exigiam os regulamentos. De fato, dentro da moral positiva e do civismo que nortearam, constantemente, sua ação, tinha em altíssima conta seus deveres, sem estar pensando nos direitos... (ao contrário das indivíduos vulgares — funcionários e outros — que estão sempre cogitando de direitos, sempre reivindicando "seus" direitos, sem cuidarem de seus deveres...). Sendo reconhecido o seu desdem pelos interesses materiais subalternos, jamais buscou recompensas pelo seu trabalho, mesmo como funcionário público, senão naquilo que os regulamentos ordinários estipulassem e que bastassem a um viver modesto e comedido, em que sempre viveu. No entanto um interesse grande o movia: aquele cujos frutos são as recompensas espirituais.

Nos diversos lances desta oração deixamos transparecer um retrato do Hildebrando que em tudo o pinta como uma criatura excepcional. No entanto haverá entre vós quem, não o havendo conhecido pessoalmente, indagará: pessoa que levava tudo tão a sério não seria um sisudo ou um intransigente? Intransigente sim, quando as circunstâncias e o dever lh'o impunham. O seu traço característico, entretanto,

pendia muito mais para o conciliante. Seguidor convicto que era daquele lema de Augusto Comte:

Intransigente em princípio, conciliante de fato.

Era jovial como poucos; gostava de uma boa palestra, mesmo sobre temas amenos, e enquanto sua situação familiar (isto é, o estado de saúde de sua adorada Catita) permitiu, ele, juntamente com ela, tomava parte nos divertimentos habituais: viagens de recreio, cinema, teatro, reuniões dançantes, destas, quer em sua casa, quer na de amigos. Longe, pois a sisudez, era ele de convívio extremamente cordial e agradável.

Pelo conjunto de suas qualidades: amor e veneração para com seus pais; amor e dedicação para com a esposa e filhos; bondade e cordialidade para com irmãos os amigos e companheiros; de um patriotismo consciente e prestante — pondo os interesses da Pátria acima dos seus próprios e dos da família; a que devemos juntar seu elevado espírito universalista, sobretudo em relação aos povos pobres e explorados, e às minorias perseguidas, poucos, como ele, se devotaram com tamanho empenho ao serviço da nossa sagrada trindade; Família, Pátria e Humanidade.(5).

Quem viveu como Hildebrando, não morreu, porque **a morte é o nada;** trocou de vida: passou da vida material, objetiva, para a vida espiritual ou subjetiva; passou a viver na memória e na saudade daqueles que o conheceram, o amaram, o estimaram e o admiraram. Esta a imortalidade em que nós, positivistas, e todo homem moderno, acreditamos.(6).

NOTAS

(1) Havendo no grande círculo dos amigos, colegas e admiradores do Hildebrando, alguns que desconheçam o que seja o Positivismo — a Doutrina que inspirou e guiou sua admirável e fecunda ação profissional, cultural e cívica — procuraremos em singelo escorço, o cabível no contexto de uma oração, como a que ora nos congrega, bem assim, não de forma doutrinária ou sistemática, porém, de forma episódica, inserir aqui umas breves indicações sobre a Doutrina em questão. Doutrina que ele tanto admirava e a que, durante toda sua vida, com tanto desvelo serviu.

(2) Também designada **conjunto das leis gerais do entendimento**, ou ainda, **Epistemologia**.

(3) Ou como originàriamente formulada por Comte, em 1822: "Pela própria natureza do espírito humano, **cada ramo dos nossos conhecimentos** é necessariamente sugeito, em sua marcha, a passar sucessivamente, por três estados teóricos diferentes: o estado teológico ou fictício; o estado metafísico ou abstrato e, por fim, o estado científico ou positivo, **"fazendo-se essa passagem sempre de acordo com a ordem de generalidade decrescente e de complicação crescente dos fenômenos correspondentes".**

(4) Esta notória coexistência de estados diversos de entendimento, donde crenças e crendices, quer em coletividades, quer em indivíduos, não nega a lei dos três estados, como julgam alguns. De fato, tem que se considerar as leis que regem os fenômenos biológicos, sociológicos e morais ou psicológicos (das ciências humanas), dentro das quais se enquadra o entendimento, como certas,

tal qual as referentes aos fenômenos matemáticos, astronômicos, físicos e químicos (das ciências cosmológicas); mas enquanto estas últimas (leis), além de certas são exatas, aquelas são certas, não porém, exatas. É que a imensidade de fatores que cercam os, e influem nos fenômenos primeiramente citados os tornam, de um lado, crescentemente complexos; de outro, profundamente modificáveis, o que, ora antecipa, ora retarda seus desfechos; tornando difícil a aleatória sua previsão; isto é, o fenômeno acontece ou acontecerá; quando e onde, não se pode assegurar. Nisso diferindo dos fenômenos do segundo grupo (cosmológicos), nos quais os fatores naturais de perturbação inexistem, ou são mínimos; tornando-os perfeitamente previsíveis e, com exceção dos astronômicos, controláveis e passíveis de eficaz provimento (isto é, de serem aproveitados em benefício do homem, uns; afastados ou anulados, outros).

Assim sendo, a lei dos três estados traduz a verdade e a certeza da secular observação histórico-sociológica, de passar o entendimento pelos três estados citados; mas sem precisão de tempo, seja pela natureza — quantidade e qualidade — dos fatores influenciáveis, seja pelo tipo de educação que se der ou que se venha a dar aos indivíduos e às coletividades. Sendo fato comprovado o daqueles que, por intuição ou por processo educativo, passam, diretamente, do fetichismo infantil ao estado positivo, sem transitar pelos estados teológicos nem pelo —o mais sofisticado — metafísico. Como há o caso oposto dos que, por debilidade mental ou outro motivo, não vão além do estado fetichico e$ou do teológico. Mostramos, conquanto sucintamente, no texto, essas diversidades, suas causas e efeitos; a verdade é serem elas, antes de tudo, frutos de uma educação, quer a doméstica, quer a escolar, irracional, preconceitual e atrasada; que mete na cabeça do infante e do adolescente uma salada onde juntam, de um lado, ficções, quimeras e duendes; de outro, o que traz o ensino convencional: noções, em graus crescentes, de ciências, inclusive das velhas, mas não ultrapassadas — desde que dadas a seu tempo e com critério — "lições de coisas", de história, de literatura etc. O que acontece, p.ex., entre jovens que estudam, na mesma escola, ou simultâneamente, com um professor, **noções de ciências**: com outro (ou com o mesmo), **o catecismo teológico** (e ou a leitura da **Bíblia**); duas fontes de conceitos diametralmente opostos e conflitantes, sobre uma infinidade de fenômenos e fatos que ele (o jovem) deve e quer conhecer. Em qual das duas fontes, entretanto, acreditar ou dar fé? Na ultrapassadíssima fictício-teológica ou na moderna e atuante positivo-científica? E nos espíritos, dos medianos para baixo nasce a dúvida a incoerência e, daí, a beatice ou a hipocrista de uns, o ceticismo de outros... Os quais ,pelo hábito, pela herança, pelo atavismo, vão passando de geração em geração: perturbando, de um lado, evolução natural do entendimento, de outro, sua assimilação pelo educando.

Daí o caos, a desarmonia mental reinantes, traduzidos, juntamente com a dissolução moral, nesse amontoado de crenças e crendices... pílula torva e incolor que se pretende polir e dourar com o vistoso rótulo de sincretismo religioso...

(5) Num conceito popular, ou geralmente aceito, haverá quem diga: este homem é um santo.

Sim, repetimos nós, desde que se não o confunda com aqueles santos da legenda, como os anacoretas da Tebaida, os quais, para se santificarem ou se "purificarem" e se julgarem dígnos ("post morten") de ganhar o céu e se sentarem ao lado da divindade... se afastavam do convívio dos homens,

vendo nesse convívio causas de perdição, de tentação (a gula, a concupiscência etc.). O que, de certa forma, repetem, ainda hoje, os místicos (homens e mulheres) que "tomam hábito", e ou vão viver — não em inhóspitos desertos, "comendo gafanhotos...", mas enclausurados em confortáveis conventos; o que, realisticamente falando, é uma forma de parasitismo. Deixando, uns e outros, em vida, de praticarem algum bem; ao menos aqueles que mais exaltam nossa espécie: servir ao seu semelhante.

E isto, servir ao seu semelhante mais do que a si próprio, como vimos neste relato, fez, de forma excepcional e exemplar, Hildebrando. E embora o seu afã de servir e de se dedicar, ele o dispensasse a todos — parentes e amigos, ou não — merece especial destaque o seu proceder para com sua Mulher — a sua, para sempre, Catita, à qual, perseguida por dolorosa e persistente moléstia, que acabou levando-a ao túmulo, ele deu uma assistência, de tal modo carinhosa e constante, que se tornou comovente. Sem abandonar e descuidar-se de nenhum de seus deveres funcionais e sócio-culturais, de que falamos atrás, todas as horas que seriam as de lazer, ele dedicava a ela, num desempenho de meio médico, meio enfermeiro (isto sem desprezar nenhum dos dois profissionais, quando necessários). É que ele, com o extraordinário saber e rara intuição que possuía da Medicina e da Psicologia, julgava que o afastamento dela do convívio doméstico, com o internamento em sanatório, como desejavam alguns parentes, não a curariam. O que veio a acontecer quando atacado, também ele, por cruel e pertinaz doença, dela foi afastado; e ela, internada, em poucos dias morria!

É interessante, em abono do que dissemos sobre o saber e a intuição do Hildebrando em relação à Medicina e à Psicologia, relatar o seguinte episódio, presenciado por minha Esposa, que, por longo tempo, foi companheira inseparável de Catita: Certa feita ela (minha Esposa), acompanhou o casal ao consultório de uma médica, que devia examinar Catita. No exame Hildebrando foi quem orientou a médica, fornecendo os sintomas; e os dois conversaram sobre o quadro clínico da paciente. Terminada a consulta, ao perguntar o preço da mesma, a doutora respondeu: nada; não cobro de um colega...

Mas, voltando ao tema desta nota. Diante de tão extraordinários e excepcionais atributos, haverá quem indague: era ele isento de qualquer defeito, ou de errar?

Se fosse isto verdade não seria ele humano... pois "errare humanus est", e só não erra quem nada faz: o inválido ou o parasita.

E ninguém foi mais humano, em toda extensão deste vocábulo; poucos fizeram, e serviram como ele.

Recordando que o símbolo de um julgamento é a balança, em cujos pratos se põe, de um lado, os feitos positivos, de outro, os negativos e, pelo lado que pende a balança, deduzir no caso de Hildebrando seriam algumas gramas do lado negativo e mil (1 quilo) do lado positivo. Lembrando isto, é da mais estrita justiça assinalar que os eventuais erros do Hildebrando resultaram, de um lado, de certa boa fé, e mesmo ingenuidade, que costumam acompanhar as naturezas essencialmente boas e puras, como era ele. De outro lado, que tais eventuais erros, ou mais explicitamente, aquele que se lhe imputou, em 1945, por haver tomado parte na campanha eleitoral pela Presidência da República, proveio (o imputado erro desse episódio), de seu imenso amor pela causa dos humildes, das classes trabalhadoras, em geral, quer urbanas,

quer rurais — sobretudo estas — de nossa Pátria; em que ele via (nós vemos) párias, marginalizados; ou como via Augusto Comte, há século e meio, e por eles clamava: **trabalhadores acampados nas sociedades modernas; que careciam ser nelas incorporados.** Incorporação esta que é um dos magnos problemas sociais por que se batem os positivistas, na sua incessante campanha por uma sociedade mais humana. Hildebrando viu naquele prélio eleitoral (estaria errado? Estaria agindo de boa ou má fé?...) uma oportunidade de se levantar, de se por o problema que sempre tanto o empolgou: o da incorporação do trabalhador brasileiro na sociedade, na civilização moderna; sociedade de que é ele o mais esforçado fator (pelo trabalho mais árduo e mais penoso). Isto é, urge que também eles — os humildes, os trabalhadores e suas famílias — venham a fruir, a gozar, dentro da justiça e da equidade, de uma política distributiva sem rebuços; mais honesta, mais humana, expurgada de privilégios (de castas) existentes, então, e, de modo mais acintoso, hoje; o que constitui imperdoável retrocesso social numa Pátria, com a nossa, de nobres tradições líbero-humanistas. Hierarquia funcional e salarial sim; mas dentro dos postulados republicanos da justiça e da eqüidade.

Esse era um dos anelos mais caros ao Hildebrando e a nós positivistas, em geral. É a revolução (pacífica, pela razão — sem as violências dos totalitários de direita e de esquerda), por que nos batemos: a reforma do sistema social vigente, o qual, para o proletariado em geral, tem sido, ainda é, no Brasil e alhures, tão discriminatório e tão cruel.

Mas, voltando à indagação acima: estaria o nosso irmão agindo de boa ou má fé? Ajuda-nos, numa resposta, a carta que, a propósito da questão, escreveu ele a seus confrades, datada de 7 de dezembro de 1945, tendo por epífrafe: **Retrógrados e Comunistas perante o Positivismo.** Nessa carta, com diginidade, defende ele seu ponto de vista, citando, com abundância e de modo pertinente, Augusto Comte, bem como Teixeira Mendes.

(6) Não se infira destas palavras finais que somente as pessoas eminentes, que se destacaram por qualquer atividade cultural é que "não morrem"; é que continuam a "viver" através da "alma". Não. Todos, de um modo geral, passam da vida objetiva para a subjetiva; sendo esta última, como recordamos, a lembrança, a imagem, seja física, seja a representada pelo conjunto das qualidades, pensamentos e atos que eles praticavam quando no convívio com os que continuam... Convívio, então, que, de objetivo (vida propriamente dita), passa subjetivo. Agora, assim como em vida as pessoas se distinguem — numa espécie de hierarquia — pela obra, quer material, quer social e moral que praticou ou realizou, tal será a consagração que sua memória terá no tempo e no espaço: **doméstica**, isto é, desenvolvendo-se no seio da Família, dos parentes e amigos. **Cívica** quando ultrapassando os limites daquela, pelos pensamentos e atos, torna-se o cidadão digno da admiração e da gratidão das gerações sucessivas — da comunidade e da Pátria; como um Tiradentes, um José Bonifácio, um Castro Alves, um Carlos Gomes, um Benjamim Constant, um Mauá (Irineu Evangelista), um Teixeira Mendes, um Santos-Dumont, um Rondon... e centenas de outros nomes que fazem a nossa História Brasileira. Chegando-se por fim, até àqueles vultos que, pelo pioneirismo, na Filosofia, nas Ciências, nas Invenções, nas Artes, na História, na Política, na Religião etc., abriram os caminhos de todos os tempos para todos os humanos; transformaram a Terra, selva selvática de ontem, no habitat

razoável de hoje, que poderá ser o paraíso terreno de amanhã... que fizeram do troglodita daquela selva e daquelas cavernas, o Homem (ainda hesitante entre o bem e o mal!...) de hoje, que deverá ser o digno ocupante daquele sonhado paraíso terreno — não tornado anjo — porque, como dizia Pascal, **"faire l'ange c'est faire la bête"**, mas atingindo, por fim, a real condição humana. Essa obra não tem pátria, é universal: é da Humanidade. E assim os seus realizadores: estão no reconhecimento e na gratidão de todos viventes, de todas as eras, de todas as Pátrias, de toda Humanidade. Nomeemos alguns deles: Aristóteles, Tales, Pitágoras, Descartes, Bacon, S. Tomás de Aquino, Pascal, Diderot, Condorcet, Sofia Germain, Augusto Comte, na Filosofia; Moisés, Confúcio, Buda, S. Paulo, Maomé, S. Francisco de Assis, S. Bernardo, Sta. Tereza, Sta. Genoveva de Paris, na Religião; Arquimedes, Hipócrates, Euclides, Copérnico, Galileu, Newton, Lavoisier, Bertholet, Bichat, Gall, Lineu, Blainville, Broussais, Madame Curie, na Ciência; Gutenberg, Colombo, Vasco da Gama, Watt, Mongolfier, Marconi, Santos-Dumont, nas Descobertas e Invenções; Homero, Fídias, Dante, Shakspeare, Miguel Angelo, Leonardo da Vinci, Molière, Camões, Mme. de Stael, Beethoven, Mozart, Chopin, nas Artes; Plínio — o Velho, Plutarco, Gibbon, Robertson, Bossuet, Michelet, na História; Carlos Magno, S. Luís (Luís IX), Frederico (da Prússia), Joana D'Arc, Richelieu, Turgot, Washington, Toussaint Louverture, Bolivar, José Bonifácio, este, da mesma estirpe dos grandes libertadores — criadores de pátrias do Novo Mundo), na Política.

Estes e a grande legião de seus êmulos, de todas as atividades, de todos os tempos e de todos os lugares, repetimos, são os protótipos ou, como Augusto Comte os denominou, os grandes tipos da Humanidade.

Mas o que é Humanidade? É simplesmente sinônimo de espécie humana? Não. Não é nesta acepção que o Filósofo considera o termo mais elevado da trilogia que agrupa os seres humanos: Família, Pátria, Humanidade.

A Humanidade, julga ele, é o conjunto dos seres humanos passados, presentes e futuros; não, porém, de todos; somente daqueles realmente assimiláveis ou convergentes, por efeito, de qualqúuer cooperação para a existência comum (da mais modesta mãe-de-família, ou dona de casa; do mais humilde operário, aos mais eminentes servidores). Posto que todos nasçam necessariamente filhos da Humanidade, continua o Filósofo, nem todos se tornam seus servidores e nela se incorporam (neste caso os parasitas, os criminosos, os tiranos, os reprobos de qualquer espécie...).

"... Cumpre distinguir em cada servidor da Humanidade", assinala Comte, "duas existências sucessivas: uma, temporária, mas direta, constitui a vida propriamente dita; a outra indireta, mas permanente, só começa após a morte. Sendo a primeira sempre corporal, pode ser qualificada de **objetiva**; sobretudo por contraste com a segunda que, não deixando subsistir a cada um senão no coração e no espírito de outrem, merece o nome de subjetiva. Tal é a nobre imortalidade, necessariamente imaterial que o Positivismo reconhece à nossa **alma**, conservando este termo precioso para designar o conjunto das funções intelectuais e morais, sem nenhuma alusão à entidade correspondente." (A. Comte "Catecismo Positivista". Trad. e notas de **Miguel Lemos; pág. 74-5.**)